

ANA PAULA DA SILVA E SOUZA

,

**A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA REVISTA RAÇA BRASIL
BREVE ANÁLISE SOBRE AS CONSTRUÇÕES DE IDENTIDADE E
CIDADANIA**

**Porto Alegre
2007**

ANA PAULA DA SILVA E SOUZA

**A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA REVISTA RAÇA BRASIL
BREVE ANÁLISE SOBRE AS CONSTRUÇÕES DE IDENTIDADE E
CIDADANIA**

Monografia apresentada como requisito parcial à conclusão do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa.Dra. Ilza Maria Tourinho Girardi

**Porto Alegre
2007**

“Mil vezes morrer livre do que viver como escravo”

Zumbi dos Palmares

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por me dar forças para dar continuidade a essa longa e árdua jornada.

Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul por me possibilitar a realização deste trabalho.

À minha querida orientadora Professora Doutora Ilza Girardi pelo estímulo, por acreditar em mim e no meu trabalho.

À minha mãe por sua ingenuidade e por sempre me fazer sorrir.

À minha irmã Fernanda por sua inteligência e ajuda imprescindível.

E finalmente ao meu querido pai por acreditar na educação, pelo suporte financeiro e principalmente pelo amor e apoio incondicional.

Ofereço este trabalho a todos os excluídos socialmente que lutam incessantemente por cidadania.

RESUMO

Analisa a revista Raça para compreender como o veículo constrói a identidade negra e promove a cidadania. Destaca o quanto a revista foi importante para dar visibilidade ao afro-descendente contribuindo para a manutenção de suas práticas culturais. Utilizando as seções Entrevista de Capa e Comportamento de 06 edições analisadas e usando como método a análise de conteúdo buscou-se identificar elementos favoráveis ao afro-descendentes. Para entender os objetivos propostos foi necessário compreender os conceitos de identidade, fundamento por Stuart Hall, e cidadania e perceber se sua finalidade principal foi sustentada. As estratégias comunicacionais utilizadas pela revista foram importantes para compreender a evolução da mesma nesses anos. Conclui que a revista ajuda na composição da identidade do afro-descendente e da cidadania. Ela institui uma nova forma de pensar sobre o negro, colocando em foco e mostrando-o participando ativamente em todas as esferas da sociedade, lutando constantemente pela afirmação e buscando sua cidadania.

Palavras-chave: identidade negra, cidadania, Revista Raça Brasil, construção;

SUMÁRIO

RESUMO	4
1 INTRODUÇÃO	7
2 CONCEITUANDO IDENTIDADE E CIDADANIA – DOIS ELEMENTOS NÃO EXCLUDENTES	10
2.1 Crise das identidades culturais homogêneas	10
2.2 A Negação da Diversidades das Identidades Étnicas	12
2.3 Pensando sobre cidadania e sua relação com a identidade	15
3 ORIGEM DA CULTURA NEGRA	18
3.1 África Subsariana: O berço de tudo	18
3.2 O mito da inferioridade racial	20
4 O SURGIMENTO DA IMPRENSA NEGRA NO BRASIL	23
4.1 Revistas Negras- Criando Identidades	28
5 CAMINHOS METODOLÓGICOS	30
5.1 Definindo o método: Análise de Conteúdo	30
5.2 Delimitando a análise	31
6 IDENTIDADE E CIDADANIA NA REVISTA RAÇA BRASIL	33
6.1 Um breve histórico	33
6.2 Análise de Conteúdo	35
6.2.1 Edição janeiro de 1997, número 11	35
6.2.2 Edição outubro de 1998, número 26	37
6.2.3 Edição agosto de 1999, número 36	42
6.2.4 Edição novembro de 2004, número 80	46
6.2.5 Edição janeiro de 2005, número 82	50
6.2.6 Edição junho de 2006, número 99	54
6.3 Estratégias Comunicacionais	59
6.4 Observações Gerais: Fases Distintas	62
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS	67

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	27
Quadro 2	34
Quadro 3	61
Quadro 4	61

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 38

Figura 2 42

Figrua 3 47

Figura 4 51

Figura 5 55

1 INTRODUÇÃO

A imprensa brasileira tem contribuído com uma espécie de apartheid¹ midiático, tendo em vista que o negro brasileiro ainda não se vê representado na maioria das publicações impressas e na mídia em geral. Os grandes veículos de comunicação ajudam a cultivar o “apartheid” social brasileiro dando mais espaço ao negro criminoso e marginalizado e não identificando como negro, seus representantes intelectuais e culturais. Apesar das declaradas miscigenação e tolerância racial brasileira, o país ainda está longe de ser uma nação de grande diversidade étnica. Os meios de comunicação, em pleno século XXI, pouco fazem referência a grande população de afro-descendentes existente no Brasil.

Os periódicos, por exemplo, permanecem desvalorizando os afro-brasileiros, ignorando dados do Censo IBGE 2000 que informavam que 45% da população brasileira é composta de negros e pardos. Apesar da imprensa no Brasil, se considerar abrangente e imparcial, ela colabora, de forma expressiva para as desigualdades raciais, na medida em que não contempla o negro como cidadão e não provoca discussões que poderiam auxiliar na construção da democracia étnica. Seria injusto, entretanto, afirmar que o âmago deste grave problema esteja somente relacionado à mídia. Obviamente a desigualdade social é muito mais pungente no cerne do questão. Neste trabalho pretende-se analisar como a imprensa negra vem trabalhando para desconstruir esse tipo de apartheid.

No Brasil, o conflito racial não é aberto como em países como os Estados Unidos, por isso, nota-se certa dificuldade em identificar a negritude. Mas é importante ressaltar que com o passar dos anos, a consciência da comunidade negra tem aumentado e tornando real a luta por cidadania, sem abdicar de suas práticas culturais. Quando a África foi “invadida” pelos colonizadores europeus, estes tinham uma idéia equivocada de que aquele

¹ **Apartheid** (“vida separada”) é uma palavra africânder adotada legalmente em 1948 na África do Sul para designar um regime segundo o qual os brancos detinham o poder e os povos restantes eram obrigados a viver separadamente, de acordo com regras que os impediam de ser verdadeiros cidadãos.

continente não produzia cultura. Além disso, pensavam que o povo negro africano era selvagem e homogêneo. Ledo engano. O continente africano produzia uma cultura extremamente heterogênea. Por isso, não se pode negar a grande contribuição dos negros na construção do Brasil. E, não podemos nos limitar a dizer que o negro participou somente da construção braçal, no sentido literal da palavra. Os afro-descendentes contribuíram também para o crescimento cultural brasileiro, pois o legado deixado pelos escravos é extremamente rico em diversidade.

O povo negro e suas tradições estão presentes em todo o nosso cotidiano, na nossa linguagem, costumes, culinária, festividades, etc. O negro tem atuado ativamente em todas as esferas da sociedade, lutando para derrubar preconceitos e juízo de valor. No entanto alguns setores continuam a colaborar para a exclusão da comunidade negra. Por esta razão a idílica sociedade igualitária ainda está longe de se tornar realidade. O Brasil que é considerado um dos países mais multirraciais do mundo continua deixando o negro à margem da sociedade. No entanto, em 1996, notou-se a necessidade de se criar um veículo de comunicação que mostrasse o negro como ator social e formador de opinião dentro da mídia, surgindo assim a proposta de criação de um veículo de comunicação que fizesse referência clara à identidade negra, tão ignorada, e que desse visibilidade à sua cultura como parte integrante do Brasil, mostrando-o como cidadão.

Neste sentido, a pergunta básica que move esse estudo é: a revista Raça Brasil contribui para a criação de uma nova identidade negra e conseqüentemente promove a cidadania? Para resolver o problema formulado estabeleceu-se o objetivo geral da pesquisa, compreender como a publicação Raça Brasil tem evoluído e ajudado na criação e consolidação de uma nova representação do negro cidadão. Os objetivos específicos são, identificar as estratégias de comunicação empregadas pela revista ao referir-se ao negro, nesses 11 anos em que a mesma existe, entender como a Revista trabalha na construção da identidade negra e como esse mecanismo resulta na promoção da cidadania.

Para atender aos objetivos propostos estruturamos a monografia, além desta parte introdutória, em mais 7 (sete) seções principais. No capítulo 2 se encontra o referencial teórico onde utilizaremos como suporte a definição de

identidade dada pelo teórico cultural Stuart Hall (2006). A categoria cidadania também é considerado por vários autores, entre eles o professor Jaime Pinsky, onde ele será discutida a ligação entre as duas categorias. A seguir, no capítulo 3, será discutida a importância da África como o berço da cultura afro-brasileira e o mito da inferioridade racial tendo como suporte a historiadora Leila Leite Hernandez (2006) e Juan Comas (1960). A imprensa negra, tanto jornais quanto revistas, também será relatada no capítulo 4 e servirá para dar respaldo à importância do estudo. No capítulo 5, descreveremos o método de análise de conteúdo, pois optamos por ele para realizarmos este estudo. No capítulo 6, sob o título Identidade e Cidadania na revista Raça Brasil, análise de conteúdo se encontra a parte analítica do trabalho. Por último, no capítulo 7, apresentamos as considerações finais da monografia.

2 CONCEITUANDO IDENTIDADE E CIDADANIA: DOIS ELEMENTOS NÃO EXCLUDENTES

2.1 Crise das Identidades Culturais Homogêneas

“A identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da incerteza”. (MERCER, 1990, apud HALL, 2006, p.9)². Essa é uma das premissas que norteiam os estudos do teórico cultural jamaicano Stuart Hall (2006) sobre as identidades culturais pós-modernas e como a concepção de unicidade da mesma foi modificada com o passar dos anos. Isto tudo, obviamente, em decorrência da globalização. O sociólogo Manuel Castells (1999, p.22) tem definições diversas sobre as identidades.

“[...] o processo de construção de significado com base em um atributo cultural. [...] fontes mais importantes de significados do que papéis, por causa do processo de autoconstrução e individuação que envolvem. [...] organiza-se em torno de uma identidade primária (uma identidade que estrutura as demais) auto-sustentável ao longo do tempo e do espaço”.

As identidades culturais estão sendo amplamente discutidas nos meios acadêmicos e por pesquisadores de inúmeras nacionalidades. A idéia de uma identidade nacional única e homogênea tem questionado o modo de pensar do mundo ocidental moderno. As emigrações constantes de pessoas de países da África e da Ásia para países como Inglaterra e Estados Unidos da América têm suscitado inúmeras questões, tais como: Será que algumas identidades culturais foram extinguidas em detrimento de outras? Ainda existe a idéia de identidade estanque, imutável, nos países que recebem imigrantes de diversas partes do mundo? Será que esses imigrantes continuam preservando seus costumes ou também tomaram para si práticas culturais dos países onde vivem? Houve a assimilação total da cultura dos imigrantes? Para Hall (2006,

² MERCER, K. “Welcome to the jungle”. In Rutherford, J. (org). *Identity*. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.

p:12) até o conceito de identidade é um pouco problemático porque segundo ele “o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático.”

Hall (2006) afirma que a crise das identidades culturais homogêneas foi tardia, mas que, quando surgiu, em meados do século XX, transformou inevitavelmente a sociedade. Todas essas mudanças, assegura ele, tem feito com que o sujeito moderno, individualmente, conteste as identificações dadas no mundo social em que habitam. O indivíduo não tem se “enxergado” totalmente integrado as identidades que os apresentam para o mundo “exterior” (grifo nosso)

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável está se tornando fragmentado [...] As identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. (HALL, 2006, p. 12).

Países que recebem grande quantidade de imigrantes têm por costume impor sua cultura, dita única, aos recém chegados. A monocultura é vigente na grande maioria dos países industrializados do mundo. A idéia de identidade nacional unificada é sistematicamente introduzida aos imigrantes. O autor explica que essas identidades nacionais unem a idéia de transformar os estrangeiros em membros do estado-nação, além de fazé-los adotar a cultura local e abdicar de seus costumes. Têm a obsoleta e preconceituosa concepção de que o multiculturalismo ameaça a identidade da nação. Esse procedimento foi definido por Gellner apud Hall (2006, p.59)³ como uma tentativa de unificação de todas as culturas em detrimento de suas origens.

Para dizer de forma simples: não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertecendo à mesma e grande família nacional. Mas seria a identidade nacional uma identidade unificadora desse tipo, uma identidade que anula e subordina a diferença cultural?

³ GELLNER, E. *Nations and Nationalism*. Oxford: Blackwell, 1983 apud HALL, p.59)

Mas a idéia de não haver transição nas identidades tem mudado. Nos Estados Unidos, por exemplo, os questionamentos em torno das identidades étnicas e culturais estão se tornando extremamente problemáticos, visto que a identidade homogênea americana não é mais como era antigamente. Atualmente, identificar um americano dito “nativo” é difícil, já que as culturas que compõem o país são diversas. “Os cinco lados do pentágono étnico que engloba a sociedade americana estão se tornando cada vez mais híbridos.”(SEMPRINI, 1999, p. 30). Notamos que o sonho americano de uma identidade nacional unificada está se tornando cada vez mais intrincado. As várias culturas que compõem os Estados Unidos estão misturadas sem influência direta do estado. No entanto, negar a diversidade étnica e impor uma única cultura ainda é um discurso frequente em muitos países.

2.2. A Negação da Diversidades das Identidades Étnicas

A tentativa de amortizar algumas identidades culturais para favorecer outras não é algo novo nem estanque na sociedade em geral. No Brasil, no fim da escravidão, o governo brasileiro utilizou-se de um artifício para tentar unificar a cultura brasileira e tornar o país, uma nação única e centrada, onde todos fossem iguais culturalmente e etnicamente. O pensador Clóvis Moura (1988) destaca que a elite do Brasil pós escravidão escolheu o tipo de cidadão primoroso para compor a democrática sociedade brasileira: branco e europeu. Para isso, serviu a vinda massiva para o país de imigrantes europeus, para fazer a limpeza étnica no Brasil, extremamente contaminado pelo negro liberto, biologicamente e culturalmente considerado inferior. Moura (1988) lembra que mesmo tendo trabalhado arduamente por toda escravidão, o negro ainda era avaliado como indolente e perigoso e, por esse motivo, todas as suas práticas e ele próprio deveria ser substituído. No período de campanha ostensiva pelo embaquecimento no Brasil, “todo racismo embutido na campanha abolicionista veio a tona.”(MOURA, 1988, p. 79). A negação da identidade do negro e de sua cultura foi fatal para sua auto estima. A semente para tentar dizimar a heterogeneidade étnica brasileira estava plantada. Porém, houve

muita resistência, por parte dos negros principalmente, à assimilação da cultura branca européia. Nesse contexto, Hall afirma que, na Grã Bretanha, por exemplo, as minorias étnicas se utilizaram da Tradição, conceito cunhado por Robins (1991), seguindo as idéias de Bhaba (1990), pra conservar sua raízes étnicas. O autor diz que “[...] este conceito descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal.” (HALL, 2006, p. 88). Ele explica como a Tradição serve para que as pessoas não percam suas origens e para que, mesmo de maneira compulsória, aceitem a pseudo homogeneização da cultura, de acordo com o país que habitam. Appiah (2000) corrobora com Hall (2006) quando faz um estudo sistemático a respeito do Estado receptor e de sua aceitação junto às tradições de vários povos. Ele afirma que todas as tradições são legitimadas pelas sociedades. Por causa disso, esses grupos exercem algum tipo de autonomia em relação ao Estado, essas sociedades estão unidas por convicções em comum, laços étnicos e mundos compartilhados de significações.

Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão unificadas no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas inteconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias casas. (HALL, 2006, p. 89).

No Brasil, os agrupamentos de escravos trazidos da África foram obrigados a romper bruscamente com suas raízes. O Estado brasileiro que ainda era colônia legitimou seus atos através da coerção. O antropólogo Darcy Ribeiro (1995) quando faz um panorama da sociedade brasileira explica que os escravos trazidos de diversos lugares do continente africano tiveram que abrir mão de suas práticas culturais locais. Isso também foi devido à distribuição irregular dos escravos para grupos diferentes de sua linhagem, impendendo a sustentação de suas tradições. Mas Ribeiro (1995) pondera explicando que isso trouxe alguns benefícios, porque possibilitou diversidade linguística e cultural dos contingentes de negros introduzidos no país, “[...] Os brasileiros se

sabem, se sentem e se comportam como uma só gente, pertencente a uma mesma etnia. Essa unidade não significa porém nenhuma uniformidade”. (ENCICLOPÉDIA VIRTUAL WIKIPÉDIA, 2007).⁴

Contudo ainda havia uma certa inércia na ação pela hibridização das identidades, no mundo em geral. Então, em meados do século XX, nos anos 60 mais especificamente, o período que Hall (2006) chama de “[...]o início da modernidade tardia [...]”, surgiram alguns movimentos sociais que lutavam contra as várias imposições, entre elas, no que diz respeito às identidades étnicas e culturais homogêneas. Na luta por seus ideais, cada movimento, como o feminismo e o de igualdade racial, apresentava suas idéias reivindicando o que era seu por direito. O mesmo autor afirma que esses novos movimentos utilizavam de suas identidades pessoais para persuadir e agregar militantes.

[...] cada movimento apelava para a identidade social de seus sustentadores. Assim o feminismo apelava às mulheres, a política sexual ao gays e lésbicas, as lutas raciais aos negros, o movimento antibelicista aos pacifistas, e assim por diante. Isso constitui o nascimento histórico do que veio a ser conhecido como a *política de identidade* – uma identidade para cada movimento. (HALL, 2006, p. 45)

Houve o que Hall (2006) chama de “revival da etnia”, cada vez mais híbrida e emblemática. Toda essa mobilização foi importante porque a chamada “política de identidade” possibilitou ao homem perceber a complexidade do mundo e assim quebrar a dogmática “identidade unificada nacional”. A partir deste conceito descentralizado de identidade é possível discorrer sobre a valorização das etnias e o respeito a todas as suas práticas. Os direitos sociais encontram-se intrinsecamente ligados a identidade étnica, visto que, também estão em constante construção.

⁴ Enciclopédia Virtual Wikipedia. Disponível em: Acesso em: 24 de abril de 2007.

2.3 Pensando Sobre Cidadania e sua Relação com a Identidade

O professor brasileiro Jaime Pinsky (2003), define como cidadania o simples fato de uma pessoa ter seus direitos básicos garantidos, como a vida, a liberdade e a igualdade perante as leis humanas, além de ter garantidos seus direitos políticos, como votar e ser votado, por exemplo. Porém Pinsky (2003, p. 28) explica que todos esses direitos não são sinônimos íntegros de democracia se não virem acompanhados do principal direito do ser humano: o direito social. “[...] o direito à educação, ao trabalho, ao salário justo, à saúde, a uma velhice tranquila. Exercer a cidadania plena é ter direitos civis, políticos e sociais.” Assim como a identidade, a cidadania não tem uma definição imutável, seu caráter histórico aponta que sua forma é variável, de acordo com o tempo e espaço. Ela é construída historicamente. Para contextualizar, o professor (2003) conclui ainda que ser cidadão tem significados diferentes em várias partes do mundo.

O termo cidadania foi criado, basicamente, com o intuito de estabelecer a divisão de classes. Ao contrário dos dias de hoje, a cidadania era algo restrito, pois a grande massa não era incluída. Tudo isso acontecia, segundo Pinsky (2003), para garantir todos os tipos de regalias à minoria dominante. Explica ainda que toda abrangência do conceito é relativamente nova. “Admitir o conceito de cidadania como um processo de inclusão total é uma leitura contemporânea. Da mesma forma, os fundadores da República podiam falar de igualdade e liberdade em meio a seiscentos seres humanos escravizados.” (PINSKY, 2003, p. 144). Mas, mesmo com todo o advento da modernidade ainda é impossível falar sobre cidadania sem pensar sobre a exclusão existente no mundo. Peter Demanti (2003) diz que a relação entre a maioria e a minoria vem sendo problematizada há tempos. E até aqui a questão das identidades está presente, mostrando que cidadania e identidade são dois conceitos que se complementam.

Quando surgiu a idéia a respeito de cidadania, na Europa Ocidental, no século XVIII, a aplicação de direitos sociais a identidades coletivas heterogêneas não era uma questão em pauta. A aplicação desse conceito era mais comum em sociedades relativamente homogêneas. O professor Paul

Singer (2003), explica que, quando houve a necessidade de expandir os direitos sociais a uma parcela mais heterogênea aconteceu um impasse. Não se tinha uma noção exata de como incluir o termo cidadão na grande gama de multiplicidade existente. “[...] mas tinha pouco a dizer sobre como lidar com diferenças de cor da pele, língua, fé.” (Singer, 2003, p. 344).

Singer (2003) revela que a revolução estrutural que aconteceria mudaria toda a concepção de cidadania, em pleno século XIX, porque haveria uma busca sem controle pela modernização. Tudo isso compeliu a achar soluções para uma convivência pacífica. Singer (2003) define que “O conceito de “cidadão”, expandido para incluir a democracia, foi então utilizado como método para permitir e legitimar a coexistência de tantos homens diferentes.” (Singer, 2003, p.344). Todavia era necessário admitir que todas essas soluções não poderiam ser simplificadas. A solução mais genérica seria negar a existências de diferenças entre grupos que, a curto prazo, poderia solucionar a situação. No entanto o que aconteceu é que o idealismo em torno da cidadania para todos, sem distinção, esbarrou em todos os problema sociais existentes como, discriminação, preconceitos, alienações, etc. A partir da assertiva acima pode-se então considerar os dois conceitos, cidadania e identidade, como termos muitas vezes inerentes, porque seus significados e suas construções se aproximam indelevelmente.

A crítica multiculturalista tem uma visão análoga e comprova isso quando afirma que mesmo com as tendências nacionalistas, a realidade migratória global busca incensantemente a extensão dos direitos de cidadania (VIEIRA, 2001). O sociólogo Liszt Vieira (2001) explica que é preciso dar direção à cidadania multicultural diante do processo de erosão da homogeneidade das nações. A promissora cidadania multicultural de Will Kymlicka apud Vieira⁵ enfoca a diversidade étnica entre povos conviventes em uma mesma coletividade. Isso com o intuito principal de construir os direitos de cidadania acoplado a identidade

⁵ Kymlicka, Will Immigration, Multiculturalism, and the Welfare State (Ethics & International Affairs, Volume 20.3 Fall 2006, apud Vieira, p.47). Will Kymlicka é um político e filósofo canadense. Ele é professor das disciplinas de Filosofia e Pesquisa Política e Filosófica Canadense na Queen's University. Defensor Ferrenho do Multiculturalismo.

Direitos não devem ser garantidos somente a indivíduos, mas também a estes grupos, defendendo-se a necessidade de uma cidadania diferenciada. O objetivo do critério identitário, como no caso específico dos imigrantes, não consiste em um movimento de auto-exclusão do corpo social, mas antes em garantir sua inclusão do esquema linear de Marshall: a garantia de uma quarta geração de direitos ou melhor, dos direitos culturais de cidadania (VIEIRA, 2001, p.47)

Aqui, novamente fica evidenciado que identidade e cidadania se encontram na conclusão dos pareceres dos autores. A necessidade de reconstruir a identidade, mesmo que a pessoa não esteja em seu país de origem é latente. A manutenção dos costumes faz parte da cidadania para todos.

3 ORIGEM DA CULTURA NEGRA

3.1 África Subsaariana⁶: o berço de tudo

A historiadora Leila Leite Hernandez (2006) conta que os negros começaram a fazer parte da história do Brasil por volta do ano de 1552. Isso fez com que o mercado de tráfico negreiro se expandisse consideravelmente. Quando os escravos negros chegavam ao Brasil, eles eram divididos em três grupos, como descrito abaixo.

A primeira diz respeito ao preço variável do cativo que será feito escravo, dependendo de sua procedência local. [...] A segunda variável que intervinha no preço derivava do fato de ele ser “boçal” (isto é, desconhecedor da língua e dos costumes da terra) ou “ladinizado” (quando dominava alguns vocábulos, hábitos e rudimentos de ofícios adotados na regiões de destino). A terceira, finalmente dizia respeito ao “lote de cativos”: mais valorizado e de maior preço quanto mais seus integrantes pertencessem a diferentes grupos etnoculturais. (HERNANDEZ, 2006, p. 6)

Ainda assim, a África, mais especificamente a subsariana, era considerada selvagem e misteriosa e alvo de estudos diversos sobre seu povo. Alguns estudiosos acreditavam que lá vivia um povo homogêneo identificado à natureza e que não gerava nenhum tipo de cultura. Para os países colonizadores, o povo africano era representado como seres humanos monstruosos. Hernandez (2006) explica que os africanos eram descritos como “gigantes, pigmeus, mulheres-pássaros, homens-macacos, povos deformados, sem nariz, sem língua, sem sentimentos, sem alma, com liturgias que cultuavam deuses próprios do pensamento animista e um conjunto de crenças em que se destacava a fé na força dos amuletos.” (Hernandez, 2005 p.6). Todas essa concepções alegóricas e, principalmente, errôneas faziam parte do imaginário das elites colonizadoras.

⁶ África Subsaariana (no Brasil), também conhecida por África Negra (ainda que muitos considerem esta forma politicamente incorrecta ou ofensiva) corresponde à região do continente africano ao sul do Deserto do Saara, ou seja, aos países que não fazem parte do Norte de África.

A idéia de inexistência de cultura na África subsariana vem sendo enfatizada desde os séculos XVII, XVIII e XIX. Os colonizadores europeus se consideravam os transmissores da civilização e do altruísmo aos povos selvagens que povoavam a África. Toda a história em torno do continente era repleta de preconceitos e desconhecimento. Hernandez (2006) explica que o filósofo Friedrich Hengel⁷ dividiu o continente africano em três partes: a África Setentrional, a África Meridional e a África Subsariana que ele descreve como um local onde só existia barbárie, por isso, não poderia produzir uma história cultural. Na verdade o continente africano é dividido em “duas Áfricas” que são separadas pelo deserto do Saara.

Para acabar com o mito da África negra intransponível e sem cultura, onde vivia um povo homogêneo e selvagem, os estudiosos pesquisaram documentos escritos sobre o continente. Encontraram então especificidades culturais que mostravam o continente como grande produtor de cultura, diversa e heterogênea. Arquivos da África e da Europa mostravam a relação intensa entre as duas Áfricas e suas complexas organizações sócio-políticas. Como Hernandez (2006) reforça, também foram feitos estudos sobre a África não colônia, usando as técnicas européias de averiguação, para tentar resgatar o passado africano, buscando subsídios da identidade cultural do próprio africano. Todos esses estudos foram importantes para ressaltar a disparidade entre os grupos culturais africanos e mostrar todo dinamismo da sociedade e da história do continente.

Em síntese, é possível afirmar que os intercâmbios foram vastos e complexos. Sua descoberta nos ajuda a concretizar a idéia de historicidade e dinamismo cultural do continente africanos. E a fazer a crítica do secular desprezo do Ocidente “civilizado” por um continente “sem história”, povoado por homens definidos pela “selvageria” e pelo “primitivismo”. Mas, principalmente, ressalta a natureza do preconceito racial, da discriminação e do racismo, embasados na justificação ideológica de que as diferenças equivalem a desigualdades.(HERNANDEZ, 2006, p.11)

Fica evidenciado assim, o quanto a África era e ainda é uma fabrica de uma cultura heterogênea. Os estudos feitos foram essenciais para dar respaldo

⁷ Filósofo alemão com conhecimentos acerca da dialética e idealismo absoluto.

a dinamicidade da sociedade africana, tão atuante, desde muito antes da invasão dos colonizadores.

3.2 O mito da inferioridade racial

O preconceito racial e a idéia de que algumas raças são inferiores a outras existe há muitos séculos. Segundo Juan Comas (1960), desde o século XV havia a idéia de que o negro era incapaz, por isso não poderia ser considerado ser humano. Juan Comas (1960) relata que o preconceito contra negros é tão forte em certas sociedades que produz fobias patológicas. A pele mais escura continua sendo um modo de diferenciar alguns povos de outros e também é fator decisório que condena os negros a serem considerados seres biologicamente inferiores. O historiador Alberto Schneider (2006) descreve que o Brasil possui um dos povos mais miscigenados do mundo, onde grande parte é de origem africana. Os negros, trazidos compulsoriamente para servir de mão de obra escrava, trabalharam nas plantações desde o século XIV. Quando a abolição da escravatura foi instituída, criou-se então um argumento para diferenciar os povos brancos dos negros: “a invenção de uma percepção de raça como atributo biológico e cientificamente mensurável.” (SCHNEIDER, 2006, p.78). O preconceito de cor e, conseqüentemente, o conceito de inferioridade de certas raças, foi então estabelecido como algo biologicamente crível.

A medição a respeito da diversidade das raças já não era feita sobre os aspectos relativos à cultura, mas fundamentada na aparência do indivíduo. Schneider (2006) conta que até Kant, um dos maiores filósofos ocidentais, afirmava a superioridade dos brancos, quando dizia que os negros não possuíam nenhum sentimento que fosse além da futilidade. Vários autores ocidentais como o francês Arthur Gobineau, o inglês Francis Galton e o americano Henry Mancken acreditavam que a ciência provaria, empiricamente, o caráter subserviente do negro. Como descreve o historiador, quando Gobineau visitou o Brasil registrou em seu livro de viagem “a lástima de um país cheio de negros e, pior ainda, mestiços de todas as matizes.” (Schneider,

2005, p. 81). O historiador ainda explica que Gobineau fez comentários extremamente negativos sobre a mestiçagem e como ela poderia acabar com civilização branca, a verdadeira raça “pura”. Schneider (2006) conta que estudiosos brasileiros compartilhavam das mesmas idéias de Gobineau, mas particularmente, Silvio Romero, que ao contrário de Gobineau, era a favor da mestiçagem, mas que, como ele, por um motivo lúgubre.

Acometido de um patriotismo mal-humorado, Sílvio Romero inverte a tese de Gobineau: haveria desigualdades naturais entre raças, mas a miscigenação não só lhe pareceu degenerativa como teria sido benéfica ao país no passado, e assim seria no futuro, pois permitiu e permitiria a elevação de raças atrasadas. Além do mais, não haveria outro caminho senão assumir a condição inexoravelmente mestiça do país (SCHNEIDER, 2005, p. 82).

Muitas teses apareceram, tais como a de Hankins⁸ (1926), que afirmava que o tamanho do cérebro do negro era inferior, concluindo portanto que esse seria mentalmente incapaz. Até mesmo a religião colaborava com as teses infundadas sobre o negro. Comas (1960) cita como exemplo pesquisas feitas por religiosos como o reverendo C.Carroll. Ele afirmava em um capítulo de seu trabalho, no ano de 1900, que existiam provas bíblicas que comprovavam que o negro não era pertencente à raça humana. Para isso, ele recorria também a “pesquisas científicas” que evidenciavam que o negro possuía características símias. Juan Comas (1960) garante que as suposições em relação às características negativas gerais do negro foram felizmente refutadas. Vários investigadores, em visita à África, puderam confirmar que a capacidade intelectual do negro não era inferior e muitas vezes superior, em alguns casos, a dos homens pertencentes à raça branca. As variáveis existentes, quando se fazia a comparação entre os cérebros dos brancos e dos negros apenas destroem a pretensa diferença entre raças já que elas eram as mesmas. Misturando os cérebros de ambos, não haveria possibilidade de diferenciar os cérebros nem de um nem do outro. Antropólogos como Sergi e Kappers, afirma Comas (1960), conseguiram com seus estudos comprovar não existir distinção cerebral entre brancos e não brancos.

⁸ Hankins, Frank, H. *The racial basis of civilization: a critique of the nordic doctrine*. New York, 1926.

As obras de Sergi sobre os negros e de Kappers sobre os chineses confirmam estas importantes conclusões e destroem a injustiça afirmativa de que a alegada inferioridade intelectual do negro seja devida ao (suposto e arbitrário) fato de os cérebros das raças de cor serem menores em volume e de estrutura menos complexa. [...] Podemos afirmar com Ruth Benedict que “nenhuma raça pode advogar com exclusividade o direito de representar o estágio final da evolução humana; não há argumento válido que confirme que certas características especiais possam indicar a superioridade da raça branca.(COMAS, 1960, p.30)

O progresso científico possibilitou aos estudiosos observar que nenhum gene humano é específico em uma raça, unicamente, e que todas as populações têm mais ou menos os mesmos genes. E ele foi mais longe quando comprovou que a única raça existente é a humana. O antropólogo Miguel Vale de Almeida (2000) corrobora isso, e é categórico, ao afirmar que a raça humana é essencialmente uma só. Essa informação forneceu à ciência um atestado para promulgar com absoluta segurança que as bases conceituais das afirmações sobre a inferioridade de certas etnias sobre as outras não têm valor qualquer. Comas (1960) reflete ainda que as Ciências Biológicas, a Antropologia, a Evolução e a Genética evidenciaram que a discriminação étnica fundamentada na cor da pele é fantasiosa. Essa idéia não tem nenhum respaldo científico, portanto, a propalada inferioridade do negro é inverídica. “São tão somente fatores políticos e sócio-econômicos pouco favoráveis que mantêm esses grupos em seu estado atual.” (COMAS, 1960, p.33). Almeida (2000) reflete que, mesmo com surgimento do conceito de etnia, que visa a aceitações de diferenças, é inegável a constatação do fato que expressa uma danosa deformidade de nossa civilização: o racismo ainda existe e continua fazendo vítimas diariamente.

4 O SURGIMENTO DA IMPRENSA NEGRA NO BRASIL

São Paulo, a capital, nos primeiros anos do século XX foi um cenário significativo na composição de uma identidade negra atuante. O antropólogo José Carlos Gomes da Silva (2006) conta que o crescimento rudimentar da indústria possibilitou a entrada do ex-escravo no mercado de trabalho. Obviamente, suas funções se assemelhavam às que eram feitas no período escravocrata: trabalho braçal e árduo. Aos homens eram dadas funções, tais como: carregar pesados sacos de café. Para as mulheres, restava o trabalho como domésticas, nas casas da classe alta paulistana. Ainda assim, havia algumas famílias negras, poucas é bem verdade, mas extremamente representativas que conseguiram acumular bens e construir patrimônio. Por causa disso, explica Silva (2006), puderam oferecer condições melhores de inclusão social para seus dependentes. Essa geração compunha uma restrita classe de negros que habitavam São Paulo. O antropólogo Florestan Fernandes os definiu como a “elite negra”.

A “elite negra” tinha uma inscrição mais difusa, mas possuía certa homogeneidade cultural e formas de se autoidentificar singulares. Essas experiências sociais e culturais diferenciadas resultaram para ambos os segmentos em produções simbólicas peculiares no sentido da construção da identidade negra. (SILVA, 2006, p.42).

Foi, neste mesmo período, que surgiram os primeiros blocos carnavalescos como, tais como o **Grupo Carnavalesco Barra Funda** e blocos importantes que sobrevivem até hoje como **Vai Vai**, que se tornou uma famosa escola de samba de São Paulo. No entanto, houve uma grande inovação que tinha o intuito de unir e dar visibilidade ao negro: a imprensa, que também teve seus representantes da etnia, ainda que sem muito alarde.

A imprensa é ainda hoje considerada por muitos, o quarto poder mundial, porque exerce uma certa influência nas grandes massas. Quando a imprensa, mais especificamente a escrita, apareceu e se manifestou no Estado de São Paulo. Assim, como tudo o que está relacionado ao negro a chamada imprensa negra ainda é pouco conhecida e falada. O sociólogo Clóvis Moura (1988, p.204) diz que a imprensa negra ficou “[...] na penumbra, como se fosse

pouco significativa”. Nos escassos materiais onde ela é citada, ficou conhecida como a imprensa negra paulista. Moura (1988) relata que toda a história desta imprensa continua extremamente restrita aos circuitos universitários. Na verdade ela é antiga, surgiu, mais ou menos, em 1915 com o jornal negro **O Menelick** e teve duração curta, expirou-se por volta de 1963. Silva (2006) explica que a produção contínua e organizada desse periódico teve como principal propósito evidenciar a cultura e a identidade heterogêneas do negro e sua política. Toda a importância dessa imprensa alternativa e segmentada foi subestimada, marginalizando os periódicos negros e levando-os ao esquecimento nos dias atuais. Moura (1988) revela que durante todo o período que a imprensa do negro foi recorrente teve duração precária, mas possibilitou conhecer um pouco da comunidade negra existente naquele período. Basicamente o que se encontrava nas páginas dos principais jornais, era um painel ideológico das reivindicações destas comunidades, além de uma infinidade de informações sobre o dia-a-dia do segmento negro, como lazer, bailes, eventos de literatura e principalmente ações políticas.

A imprensa negra possibilitou mudanças significativas na consciência do negro: “Tais instituições possibilitaram aos negros experimentar os desafios da vida urbana, tiveram desdobramentos importantes e constituíram a base das escolas de samba paulistanas e do protesto negro nos anos 30.” (SILVA, 2006, p.44). Nesses jornais eram manifestados todos os sentimentos relativos a exclusão sofrida pela população negra paulista. Mesmo com poucos recursos para se manterem, a preocupação com a auto-estima do negro era vigente. Protestos contra o preconceito racial e a marginalização do negro era uma constante. Poesias mostravam o negro como um intelectual capaz também de ter idéias brilhantes e inovadoras. Moura (1988) reforça essa idéia quando relata que a preocupação com a educação era persistente. Ele diz que os jornais potencializavam a idéia de que o negro deveria abandonar certos esteriótipos e a vida boêmia para ascender socialmente.

O negro deve educar-se para “subir na vida”, conseguir demonstrar que ele também pode chegar aos mesmos níveis do branco através do aprimoramento educacional. Para isso, deve deixar os vícios como o alcoolismo, a boemia, deve abster-se de praticar arruaças em bailes, deve ser um modelo de cidadão. Em quase todas as publicações é visível a preocupação com uma ética puritana capaz

de retirar o negro da sua situação de marginalização. (MOURA, 1988, p.205)

A música também foi uma catalisadora de valorização da cultura negra. Os jornais anunciavam os encontros de sambistas da São Paulo, a capital, com os de cidades próximas que tinham como intuito reafirmar a herança cultural africana. Silva (2006) frisa que, no que diz respeito a afirmação da identidade étnica, os jornais foram decisivos para evolução da chamada pelos pesquisadores, como Roger Bastide (1973), “a imprensa negra paulista”. Toda essa imprensa expressava veemente a organização do discurso negro marginalizado. Moura (1988) conta que a primeira periodização sobre a imprensa negra foi feita por Roger Bastide (1973) e sua fase inicial foi em 1915 com o Menelik. No começo o jornal visava apenas a informação jornalística, mas já na segunda fase a imprensa negra teve uma preocupação pungente com a política de inserção do negro na sociedade. Segundo Moura (1988) o jornal “**A voz da Raça**” ostenta uma posição política clara pois representava todas as reivindicações da Frente Negra Brasileira que conseguiu ser reconhecida como um partido.

No primeiro período o jornal mais representativo foi o “**Clarim da Alvorada**”, no ano de 1924, que foi muito expressivo na comunidade afro-descendente. O jornal tinha a finalidade de mobilizar os negros a ter uma representatividade mais abrangente, que simbolizasse todas as classes negras. Já se observava a chamada “elite negra” tentando construir uma identidade étnica, e de acordo com Silva (2006) os jornais foram determinantes para legitimar a imprensa negra paulista. Moura (1988), retoma a história da imprensa negra brasileira quando fala sobre a extensa periodização feita por Miriam Nicolau Ferrara, que vai além da produzida por Roger Bastide e se estende até o ano de 1963. Para o sociólogo a periodização da estudiosa, além de ser mais recente consegue abranger esse período de maneira mais satisfatória. Sua pesquisa mostra que houveram três períodos distintos na existência da imprensa negra: de 1915 a 1923; de 1924 a 1937; de 1945 a 1963. Moura (1988) descreve que Miriam Nicolau Ferrara faz todo um panorama desta imprensa segmentada e prossegue no seus estudos até o ano de 1963.

Os jornais da imprensa negra, considerados a partir de uma amostra, são descritos em 3 períodos: No primeiro período (1915/1923), há tentativa de integração do negro na sociedade brasileira e a formação de uma consciência que mais tarde irá ganhar força. Com a fundação do jornal O Clarim da Alvorada, 1924, o segundo período atinge seu ápice em 1931 com a organização da Frente Negra Brasileira, e em 1933 com o jornal A Voz da Raça. Este período termina com o Estado Novo. O momento dos grandes reivindicações políticas marca o terceiro período (1945/1963), com elementos do grupo negro se filiando a partidos políticos da época ou se candidatando a cargos eletivos. (FERRARA, apud MOURA, 1988, p.208)⁹

A imprensa negra apresentou uma quantidade considerável de títulos nos anos de 1915 até 1963 e Moura (1988) destaca a eficiente distribuição de acordo com o ano dos principais jornais negros existentes da época. Todo esse período coincidiu com momentos importantes da história política no Brasil. No entanto essa imprensa não relatava quase nada em suas páginas referente a essas ocasiões distintas. Era basicamente uma imprensa paralela (MOURA, 1988, p.209). Mas nem por isso era menos importante, a necessidade de luta e reivindicação pela manutenção de suas raízes étnicas era mais latente. Integrar o negro e tentar inseri-lo na sociedade era o discurso dominante da imprensa negra. Porém, é sempre importante questionar o porque da existência de uma imprensa alternativa e segmentada se a pretensa democracia racial era parte do discurso das classes dominantes (MOURA, 1988, p.204).

Essa extensão de atividades no tempo, bem como o papel social e ideológico que desempenhou na comunidade negra da época em que existiu, vem colocar em evidência e discussão a sua importância e, ao mesmo tempo, indagar por que em um país que se diz uma democracia racial há necessidade de uma imprensa alternativa capaz de refletir especificamente aos anseios e reivindicações, mas, acima de tudo, o ethos do universo dessa comunidade não apenas oprimida economicamente, mas discriminada pela sua marca de cor que os setores deliberantes da sociedade achavam ser estigma e elemento inferiorizador para quem a portasse. (MOURA, 1988, p.204)

Para uma visualização quantitativa dos periódicos produzidos naquela época, esquematizamos um quadro:

⁹ FERRARA Mirian Nicolau. *A imprensa negra em São Paulo*. Dissertação (Mestrado, USP, 1990 Muticopiado, apud MOURA, p. 204).

Quadro 1: Listagem dos principais jornais negros do Brasil (por ano e local de distribuição)

NOME DO JORNAL	ANO	LOCAL DE ABRANGÊNCIA
O Menelik:	1915	São Paulo
A Rua e o Xauter:	1916	São Paulo
O Alfinete e o Bandeirante	1919	São Paulo
A Liberdade	1919	São Paulo
A Sentinela	1920	São Paulo
O Kosmos	1922	São Paulo
O Getulino	1923	São Paulo
O Clarim da Alvorada e Elite	1924	São Paulo
Auriverde, O Patrocínio e Progresso	1928	São Paulo
Chibata	1932	São Paulo
A Evolução e A Voz da Raça	1933	São Paulo
O Clarim, O Estímulo, A Raça e a Tribuna Negra	1935	São Paulo
A Alvorada	1936	São Paulo
Senzala	1946	São Paulo e interior
Mundo Novo	1950	São Paulo e interior
O Novo Horizonte	1954	São Paulo e interior
Notícias de Ébano	1957	São Paulo e interior
O Mutirão	1958	São Paulo e interior
Hífen e Níger	1960	São Paulo e interior
Nosso Jornal	1961	São Paulo e interior
Correio d'Ébano	1963	São Paulo e interior

4.1 Revistas Negras- Criando Identidades

Identificar as manifestações de uma identidade étnica negra como um referencial comum entre os afro-descendentes pode ser considerado algo importante. Segundo o jornalista Joel Zito Araújo (2000) todas essas reivindicações estão ligadas ao desejo de pertencimento de um grupo populacional que está conectado por laços dos sentimentos de exclusão. Um dos passos mais importante da criação dessa identidade é criar mecanismos que punam qualquer tipo de discriminação racial além da valorização dos traços fenóticos, da origem africana e de toda a diáspora negra (Araújo, 2000). O autor cita que existe uma visibilidade crescente por um reconhecimento da identidade negra entre os afro-descendentes e cita alguns exemplos disso:

[...]ação dos militantes negros em sindicatos e partidos políticos, que introduzem plataformas de combate à discriminação racial nas resoluções de assembléias, encontros e congressos; [...] o sucesso editorial de uma revista dirigida a população negra: *Raça Brasil*. [...] as pesquisas de mercado que apontam a existência de um significativo público consumidor entre os negros, com demandas étnicas definidas (produtos para a pele, para o cabelo e vestuário, específicos para negros). (ARAÚJO, 2000, p.31)

Como podemos observar na citação acima, Araújo (2000) revela a Revista Raça Brasil, em conjunto com outras demandas, tem sido considerada convergente no papel fundamental na criação de uma identidade étnica negra heterogênea e influente. A Revista que chegou para revolucionar a imprensa brasileira foi importante para engendrar o negro de vez na sociedade de massas. Não obstante, Raça Brasil não foi a única a nascer. Felizmente após a sua criação várias outras publicações surgiram com o intuito genérico de tornar visível o afro-descendente. Assim como os jornais negros, as revistas dirigidas aos afro-descendentes também possuem um papel importante na constituição do negro cidadão. Abaixo a relação das revistas de maior notoriedade citadas por Silva (2006).

1 - Visual Cabelos Crespos - Editora Símbolo

Pode ser considerada como um “subproduto” da Revista Raça Brasil. Foi criada em setembro de 1997 e tem como destaque a cosmética voltada para a etnia negra, com artigos para o consumo dirigido mais especificamente à mulher

2 - Negro 100 Por Cento - Editora Escala

Criada em maio de 1998. A revista traz seu foco nos ídolos da música negra, do esporte e traz alguns ensaios fotográficos com mulheres negras nuas.

3. Agito Geral - Editora Dipreto

Sua primeira edição chegou às bancas em dezembro de 1997 e o mais recente saiu em abril de 1998. Uma revista Musical que destaca os vários ritmos onde a raça negra se sobressai através reportagens sobre diversos gêneros musicais como Hip Hop, Reggae, Samba, entre outros, além de dar destaque para os ídolos musicais negros.

5 CAMINHOS METODOLÓGICOS

5.1 Definindo o método: Análise de Conteúdo

De acordo com Laurence Bardin (1955) mesmo antes do surgimento das mais modernas técnicas de análise de conteúdo, os textos comunicacionais já eram abordados de diversas formas. Por isso ele considera a análise de conteúdo de suma importância para o bom andamento de uma pesquisa, seja ela acadêmica ou não. Bardin (1955) explica que a princípio a análise de conteúdo era mais restrita ao campo jornalístico. Era através dela que eram feitos os estudos quantitativos dos jornais. A análise era usada para medir todas as formas de jornalismo existente. Depois de comprovada sua eficiência ela foi estendida à outros campos, além da comunicação. Há uma definição célebre feita por Berelson e bastante difundida sobre a análise de conteúdo que a define como “uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação.” (BERELSON, apud BARDIN, 1995, p.19) ¹⁰Entretanto, Bardin (1995) entende que essa definição é um pouco limitada, no sentido operacional da análise, porque além de ser uma concepção simplesmente normativa ela limita o funcionamento do método.

Por isso, Bardin (1995) propõe a expansão de sua definição, afirmando que a análise de conteúdo não é somente uma técnica ou um instrumento, vai além disso “é um leque de apetrechos que é adaptável a um campo de aplicação muito vasto às comunicações.” (Bardin, 1995, p.31). Como Bardin (1995) destaca, as diferentes fases da análise de conteúdo são essenciais para o sucesso do trabalho. Elas giram em torno de três pólos cronológicos: a pré-análise, a exploração do material que é o tratamento dos resultados e a inferência que é como vou interpretar esses resultados. Isso tudo serve para sistematizar a pesquisa e evitar um emaranhado de idéias não definidas.

¹⁰ Berelson (B.), Content analysis in communication research, Nova Iorque, Ill. Univ. Press, 1952, Hafner Publ. Co., 1971, apud Bardin, p.19.

5.2 Delimitando a análise

Seguindo o conceito dado por Laurence Bardin (1995) optamos por fazer uma análise abalizada sobre como esta revista de jornalismo segmentado vem se comportando nesses dez anos de história. No entanto seria impossível analisar todos os exemplares das revistas, já que, oneraria tempo e a quantidade exorbitante de informações tornariam a análise inviável. Então, decidimos fazer a pesquisa da seguinte forma: Sorteamos as revistas aleatoriamente. De um total de 12 (doze) foram escolhidas 06 (seis) revistas. Três (3) revistas para (2) dois períodos diferentes: 3 (três) exemplares para o final década de 90 e outros 3 (três) após o ano 2000. Basicamente, os anos escolhidos são 97, 98, 99, 2004, 2005, 2006. Definimos e delimitamos as seções que serão analisadas e então faremos uma reflexão acerca do tema proposto buscando, prioritariamente, uma análise qualitativa. Para isso iremos categorizar a referida análise usando dois conceitos: identidade e cidadania. Porém os mesmos conceitos não serão excludentes, estarão interligados intrinsecamente. São duas categorias que se complementam mutuamente. Então, na segunda parte da pesquisa, iremos desmembrar as matérias e entrevistas escolhidas e localizar a principal idéia, a mensagem que expressa a intenção da revista em criar uma identidade negra renovada e, principalmente, mostrar o afro-descendente como cidadão. Pretendemos tentar compreender a função motivadora desta revista. Avaliaremos as mensagens e as palavras que nos permitam inferir e evidenciar sobre outra realidade além da sua função básica da revista que seria de dar visibilidade ao negro. Queremos compreender os argumentos utilizados pela revista para respaldar o foco da pesquisa.

Para isso dividiremos as respectivas revistas em duas fases: 1ª - Visibilidade Política e 2ª - Discurso Moderado e Multiculturalismo. Nessas duas fases serão observadas e delimitadas as estratégias comunicacionais utilizadas pela revista na obtenção dos seus objetivos. No mesmo tópico também será ressaltado de forma mais sucinta, a mudança de fase do periódico. Entendemos que a revista Raça Brasil é dirigida, basicamente, à um público específico, pois compreendemos que sua função vai além da postura formadora de opinião, adquirindo um caráter identificatório muito forte.

Ainda preconizando as estratégias de comunicação, na mencionada pesquisa pretendemos avaliar mais especificamente 02 (duas) seções distintas da Revista: a **Entrevista Principal** que está estampada na **Capa** e a seção **Comportamento**. Como foi dito anteriormente será utilizado como método de seleção o sorteio. Dentre as revistas que foram adquiridas, havia intenção de utilizar uma para cada ano de criação. Infelizmente não foi possível conseguir as revistas do ano de 2001, 2002 e 2003 em nenhuma banca ou sebo onde foram procuradas. As revistas impressas vão do ano de 1997 até o ano de 2006. Reforçando a idéia proposta anteriormente para empregar as estratégias de comunicação, observamos também, de maneira mais secundária, as manchetes, chamadas de capa, títulos no interior das matérias, uso de fotos, outras ilustrações e cores.

6 IDENTIDADE E CIDADANIA NA REVISTA RAÇA BRASIL

6.1 Um breve histórico

A Revista Raça Brasil foi criada em setembro de 1996 com grande ousadia e bastante entusiasmo. Ela foi chamada de a “*Revista do Negros*” por ser pioneira em retratar os mesmos sem os estereótipos típicos. Surgiu com a missão de afirmar o orgulho de milhões de afro-brasileiros. Em sua primeira publicação vendeu cerca de 280 mil edições e foi considerada um marco nos meios de comunicação de massa. Algumas vezes foi acusada de ser racista¹¹ por mostrar o afro-descendente como ator principal, além de revelar um lado da comunidade negra desconhecido pela maioria. Em suas páginas, histórias de negros bem sucedidos e sobre a luta dos afro-brasileiros para ter sua identidade respeitada e preservada, enfim, para ser reconhecido como cidadão. A revista Raça possui um layout colorido e tem muitos anunciantes, em sua maioria produtos de beleza destinados ao afro-descendente. Mas também há marcas famosas como O Boticário, Nívea, Rexona, entre outros. No entanto, a grande diferença é que a maioria dos modelos dos anúncios são negros, uma tentativa nítida de mostrar o afro-brasileiro como referencial de beleza. No seu quadro de funcionários há várias etnias, mas o afro-descendente preenche lugar de destaque como o cargo de editor chefe ocupado pela jornalista Liliane Santos. Produzida pela editora Símbolo¹², nas suas primeiras edições contava com aproximadamente 115 páginas, que com o passar dos anos foram diminuídas para aproximadamente 89. A Editora tem uma definição específica para a Revista Raça, que é considerada a primeira revista voltada aos negros brasileiros que traz matérias diversas, como cultura, beleza, moda, comportamento, gente e notícias sobre a comunidade em geral. As seções que compunham as primeiras edições da revista eram: Nossa Capa, Beleza e Moda, Comportamento, Culinária, Cultura e Lazer, Gente, Viagem e Sempre na Praça. No decorrer dos anos o modelo editorial da revista enxugou um pouco e algumas seções sofreram certas alterações. Atualmente a publicação é composta por seções como: Atitude, Estilo, Atualidades, Viva Bem e Cultura,

¹¹ <http://www.igutenberg.org/jj33revistas.html>

¹² <http://www.simbolo.com.br/institucional/Conteudo/0/artigo5342-1.asp>

todas elas com subdivisões. A revista tem a periodicidade mensal. É importante salientar que, no período em que a Revista foi criada, ainda não havia uma discussão aprofundada sobre o conceito de etnia, pois acreditava-se na diferença entre as raças. Como foi citado anteriormente, pesquisas científicas comprovaram haver somente uma raça, a humana. Por isso a palavra “raça” aparece e aparecerá em diversos momentos deste trabalho. A própria revista tem como título a palavra “Raça” que antigamente, para maioria das pessoas, remetia ao negro. O quadro abaixo especifica as edições analisadas e seus anos de publicação.

Quadro 2: Exemplares analisados ¹³

NÚMERO	ANO/VOLUME	MÊS
11	1997/2	JULHO
26	1998/3	OUTUBRO
36	1999/4	AGOSTO
80	2004/8	NOVEMBRO
82	2005/9	JANEIRO
99	2006/10	JUNHO

¹³ Revista Raça Brasil – Sorteadas aleatoriamente

6.2 Análise de Conteúdo

6.2.1 Edição janeiro de 1997, número 11

A edição de janeiro de 1997 contém 114 páginas, com muitos anúncios publicitários e uma boa quantidade de matérias polêmicas como: Vozes Negras, Negros Homossexuais e Negros em movimento. A capa tem a foto de Martinho da Vila com seu filho Preto. O nome “Preto” aparece destacado das demais palavras, dando ênfase a referência ao negro. Todas as entrevistas são feitas com algum artista negro em ascensão na época, como o ator e rapper¹⁴ norte-americano Will Smith e o cineasta afro-descendente e também norte-americano Spike Lee. O cineasta é o ícone do cinema afro-americano, quebrando paradigmas e desconstruindo formas anacrônicas de preconceito. As chamadas relacionadas ao negro são maioria na capa, mas têm o mesmo destaque dado às matérias com outros conteúdos. Os dois editoriais de moda são todos feitos por modelos negros vestidos com roupas de estilistas famosos.

Entrevistado 1: Martinho da Vila

Na primeira edição analisada, de 1997, o entrevistado principal e capa é o sambista Martinho da Vila. As ilustrações mostram Martinho descontraído e usando a camiseta da Raça, fazendo uma referência ao recente início da revista. A entrevista é informal e é focada também em sua carreira e sobre como Martinho da Vila enxerga o samba no Brasil. Neste contexto há perguntas sobre a **discriminação racial** no Brasil e na África. Martinho fala da importância da valorização da **cultura negra** e também sobre a necessidade de estreitar laços com o continente africano. Ela explica o quanto o intercâmbio que ele fez com a África, nos anos 80, em pleno regime Apartheid, foi importante para ele criar uma **identidade negra** mais consistente e consciente.

¹⁴ A origem do Rap remonta à Jamaica, mais ou menos na década de 60 quando surgiram os Sound Systems, que eram colocados nas ruas dos guetos jamaicanos para animar bailes.

Os concertos que eram realizados na África, naquela época, contra esse regime segregacionista o inspirou a fazer o samba de enredo “Kizomba”, que foi premiado vencendo o carnaval de 1988, coincidentemente, centenário da abolição da escravatura. Uma informação peculiar citada por Martinho foi que falar em racismo na década de 80 era algo meio proibido, era tão grave quanto falar em partido comunista. A forma que ele encontrou para tentar mobilizar e organizar o **negro** foi através da música. Percebe-se que todos os argumentos dados pelo entrevistado neste primeiro bloco é uma maneira de rechaçar o preconceito de cor e assumir a negritude.

Na entrevista, dividida em três tópicos, o interesse em ressaltar a importância do negro ter uma identificação, de se reconhecer como cidadão e ser integrado à sociedade é recorrente, como nesse trecho:

- a) *Martinho acredita que a consciência racial também é diferente*. “Minha música é essencialmente **negra**, mas com influências da cultura branca, de tudo que é interessante.

A finalidade de instituir uma identidade é evidente quando as palavras **negro** e **África**, são usadas constantemente e sempre relacionadas a algo positivo e original, porém sem a exclusão de outras etnias.

Brasil mostra tua cara

Na página 63 da primeira seção Comportamento, analisada, há um relato de um lado obscuro da história do Brasil: o ocultamento da participação dos negros na construção do nosso país. A reportagem começa, ressaltando que a maneira mais eficaz de acabar com o **preconceito racial** é através da educação. Rever a história do Brasil mostrando o negro, brasileiro ou africano, como participante ativo na construção do país seria uma medida necessária. A matéria entrevistou um autor de livros didáticos que discorre sobre a importância em relatar que a **presença do negro** foi decisiva para a construção de todas as esferas da sociedade tanto material, intelectual, etc.

Em outra entrevista a professora universitária Mônica Lima sugere a outros professores de séries iniciais que falem sobre a influência e participação do **afro-descendente** em várias perspectivas da nossa sociedade. A necessidade de mostrar o negro como cidadão e desconstruir o preconceito é utilizada de forma concentrada. *“Dessa forma, a criança vai se habituar com a existência da cultura africana.”*

Nota-se que as palavras **negro** e **África** aparecem em vários momentos enfatizadas por palavras como **luta** e **construir**, contribuindo para desfazer estereótipos e mostrar o negro como cidadão. A palavra **negro** surge como adjetivação favorável. O discurso é pujante mostrando pareceres de especialistas como a professora Zilda, que reprova a apologia feita nos livros didáticos somente aos imigrantes europeus em detrimento dos negros. Os negros eram considerados aculturados e por isso só serviriam para o trabalho braçal. Como vimos nos capítulos sobre a imprensa negra e o mito da inferioridade racial, Clóvis Moura (1988) respalda essa falsa afirmativa quando diz que democracia racial no Brasil é uma utopia. No entanto o ponto significativo da reportagem é a ênfase dada a várias etnias negras que compunham o corpo de escravos mandados ao Brasil. A professora da USP, Zilda Iokoi relata a grande diversidade de negros que foram trazidos para o Brasil, mas afirma que esta informação era negada, achavam que os negros eram um povo homogêneo. A palavra **racismo** também aparece para reforçar o discurso sobre a situação do ensino da história da África nas escolas brasileiras e sobre a necessidade de mudanças rápidas, para diminuir o preconceito, que ocorre pela falta de conhecimento.

6.2.2 Edição outubro de 1998, número 26

A edição de outubro de 1998 também conta com 114 páginas, com vários anúncios publicitários, entre eles, o amaciante *mon bijou*, onde o modelo é um bebê negro. Outro anúncio é do Boticário e a modelo também é negra e de meia-idade. Há matérias sobre o movimento hip hop em São Paulo, sobre o líder negro norte-americano Martin Luther King e sobre como a arte negra é

refletida na Bienal de São Paulo. A capa mostra Djavan com sua filha Flávia, além de ter cores fortes. A matéria Por Dentro do Gueto tem a maior chamada e parece afirmar um estereótipo do negro, enfatizando que esse é o seu local de origem. Ou também pode levar a outra interpretação, o negro não deve esquecer de suas origens, e os guetos são nada mais do que remanescentes das senzalas. A matéria mais polêmica também está na capa, que é a mesma que será analisada na seção Comportamento, mas é a única impactante, embora haja outra sobre a década de 60, período da luta por direitos civis.



Figura 1

Entrevistado 2: Djavan – O bicho solto

O cantor Djavan era um dos grandes astros negros do momento, naquela época. Suas canções de amor e com letras inspiradas na vida real eram cantadas por muitos. Focada nisso, a revista Raça fez uma entrevista baseada no seu caráter sedutor mesmo sendo considerado uma pessoa tímida. A fotos desvendam um Djavan solto e parecendo bem à vontade com seus

cabelos *dreadlocks*¹⁵. Seus cabelos são mostrados constantemente, tentando identificá-lo como **negro**, mesmo sendo a matiz de sua pele mais clara. Nas fotos Djavan está sentado de forma serena e em outras acompanhadas de sua filha Flávia. Fala sobre o lançamento do novo cd, repleto de participações especiais e baladas românticas. A entrevista também é informal e mostra um Djavan pai, que exige dos filhos o mesmo que almeja para si mesmo. Djavan fala de seus antepassados: **negros** e índios. Assim como Martinho da Vila, ele utiliza a música para reforçar suas *raízes negras* e a luta dos **negros** para serem reconhecidos como cidadãos: “*da sua luta para se posicionar, ter seu espaço na **sociedade***”. Ele tem um discurso mais duro e politizado, acha que ao negro é oferecido pouco e que a sociedade acha que os mesmos têm que se contentar. Mas, também pondera, dizendo que o negro precisa **lutar**, correr atrás, não se deixar abater. Em um primeira leitura, parece clara a intenção de mostrar o negro como capaz, alguém que se tiver oportunidades pode fazer a diferença. Mas também pode ser interpretada de outro modo, enfatizando a idéia de que o negro é indolente e acomodado. Há uma certa dubiedade nesta afirmação feita pelo cantor.

Reconhece seu sucesso no país, mas admite que tem mais oportunidades em alguns lugares do que em outros. Cita por exemplo algumas cidades do interior do Rio Grande do Sul, local de muitos descendentes de imigrantes europeus, onde só consegue fazer bons shows se uma música sua está tocando na novela. Comenta sobre o **preconceito** sofrido em um estabelecimento comercial e como teve sua dignidade ferida. Ele ressalta esse sentimento em uma frase: “*Descobri como ser **negro** é difícil. E não só aqui: é no mundo inteiro*”. No entanto, ele diz ter esperança de um futuro promissor já que a quantidade de artistas negros cresce substancialmente. Ele frisa que o negro vem galgando lugares que eram somente destinados aos brancos. Diz que toda a situação de exclusão do negro só poderá ser resolvida com acesso ao mercado de trabalho e à educação, que este acesso continua difícil, ele admite. Djavan tem um visão um pouco ácida da comunidade negra, acha que ela está desunida e que para conseguir notoriedade precisa se unir. É

¹⁵ É uma forma de se manter os cabelos, consiste em bolos cilíndricos de cabelo que aparentam "cordas" pendendo do topo da cabeça. Os dreadlocks também podem ser chamados de Locks, ou simplesmente Dreads.

significativo perceber ênfase à necessidade de o negro deixar a inércia e correr atrás de seus objetivos.

Por que eles preferem as loiras?

A matéria começa com uma afirmativa um tanto quanto polêmica:

a) **negro bem sucedido tem sempre uma loira a tiracolo.**

E, para legitimar a afirmativa acerca da questão, cita exemplos de homens negros de outros países que dizem amar mulheres brancas e odiar negras, como o norte-americano Eldridge Cleaver. E outros homens negros colaboram com essa declaração, quando relatam que se aliar ao branco é por muitos considerado uma forma de renegar a sua condição. Para alguns dos entrevistados, se relacionar com uma mulher negra é uma forma de retroceder. A reportagem é ilustrada por um modelo negro rodeado por mulheres loiras. Na matéria, há exemplos de vários famosos que após conseguirem fama e dinheiro só se relacionaram com mulheres loiras, como o jogador de futebol Ronaldo Fenômeno e o pagodeiro Alexandre Pires. Na época namoravam Suzana Werner e Carla Perez, respectivamente. A matéria é intensa porque relata depoimentos que confirmam como muitos renegam a sua etnia, renunciando portanto sua identidade. Fica implicitamente compreendido que a ideologia do branqueamento pós escravatura deixou marcas profundas. Como afirma Clóvis Moura (1988) no capítulo sobre a imprensa negra, mecanismos alienadores introduziram na cabeça do branco e do próprio negro que o modelo de perfeição é branco. Fica a idéia de que pertencer a outra etnia que não seja a branca é sinônimo de inferioridade e negatividade. Sueli Campos, do

Geledés¹⁶, colabora com a idéia quando diz que muitas vezes essas relações são apenas para legitimar o mito da democracia racial:

b) *O homem negro utiliza a mulher branca como emblema ou garantia de sucesso.*

A professora Ana Lúcia Valente vai fundo na questão sobre renegar a **identidade negra**, quando diz que o negro acha que só reafirma sua condição de cidadão e **ascensão** quando tem o “pseudo domínio” da mulher branca. Alguns refutam essa idéia, acham que o casamento com uma mulher independe de cor, como o diretor do círculo negro, Antônio Campos. Mas o psicólogo, também negro, discorda e reafirma que o homem negro se casa com a loira para não perpetuar a raça. Buscam a mulher branca como objeto de negação. Mas, os especialistas são unânimes em afirmar que o negro bem sucedido não deve procurar uma mulher branca como objeto de consumo e vice e versa. Que as relações raciais, no Brasil, devem ser apenas com intuito de encontro entre duas pessoas que se amam e que pertencem a diferentes grupos étnicos. A matéria termina com uma avaliação contundente e um tanto pessimista: “*O ruim das relações mistas é que muitas vezes, os negros não conseguem mais manter a sua identidade*”. Os mecanismos de informação mostram uma tentativa explícita de fazer o negro se identificar como negro e não deixar que sejam impostas regras equivocadas e preconceituosas da sociedade que prioriza a cor como fator de preconceito, como mostra o mito da inferioridade racial citado no capítulo três.

¹⁶ É uma organização política de mulheres negras que tem por missão institucional combater o racismo e o sexismo, valorizar e promover as mulheres negras em particular e a comunidade negra em geral.

6.2.3 Edição agosto de 1999, número 36

A edição de 1998 tem 114 páginas e como a do ano anterior contém muitos anúncios publicitários com modelos negros. Na capa o Rapper Thaíde com sua filha Thamires no colo. Os dois estão com as mãos espalmadas, talvez uma referência a esperança de mudança. A capa é bem colorida e na chamada da entrevista principal há a palavra “*héroi*”. Outra forma de indicar o pai como exemplo, mais especificamente o pai negro héroi. As matérias polêmicas também estão na capa, como racismo no carnaval de Salvador e preconceito nos bancos. Há um anúncio publicitário de um produto de beleza de uma marca famosa (Maybelline) onde a modelo é negra. As principais seções são: Beleza e Moda, Comportamento, Cultura e Lazer, Gente e Saúde. Há uma matéria polêmica sobre discriminação racial nos bancos brasileiros. Também há entrevistas com o ator negro norte-americano Wil Smith que é citado como um “divisor de água” no cinema mundial. Um dos primeiros atores negros sendo mostrado como um *héroi* caubói, sem estereótipos referentes a raça.



Figura 2

Entrevistado 3: Thaíde (principal entrevistado, mas há outros) – Um espelho chamado pai

A Revista aproveita o mês dos pais para fazer várias entrevistas com pais e filhos e também para refletir sobre sua influência na vida dos filhos. Todos os pais e filhos entrevistados são negros e ilustram a reportagem com fotos mostrando a união da família. O primeiro entrevistado o engenheiro mecânico Nelson Narciso Filho, alto executivo de uma multinacional em Osaco, São Paulo, que conta como seu pai foi importante para sua formação. Ele explica que o pai sempre incentivava seus irmãos e a ele a estudar para conseguir crescer na vida, mesmo ele (o pai) não tendo nem terminado o colegial. Ele ressalta que ser **negro** foi uma dificuldade, mas não uma barreira que o impedisse de lutar.

a) *Tenho certeza de que pelo fato de ser **negro** tive que trilhar um caminho de ascensão muito mais sinuoso.*

No entanto, todo o esforço valeu a pena, hoje ele é diretor de operações da multinacional. Seus filhos cariocas estudam em um colégio de classe média, onde a maioria, infelizmente, ainda é de brancos. Faz uma constatação importante a respeito de identidade: quer que seus filhos tenham consciência de sua **origem**. As orações abaixo demonstram suas idéias.

b) *Não sou racista, mas me casei com uma mulher **negra**, com a qual me **identifiquei** e me fez um homem realizado. Quero que meus filhos vivam integrados à **sociedade**, sem sectarismo, mas conscientes de que são **negros**.*

Ele legitima sua afirmação relatando ser importante a manutenção da raízes negras, exaltando mais uma vez a identidade do afro-descendente. Para isso, o engenheiro matriculou seus dois filhos no Projeto Encantamento do grupo AMMA, que reúne jovens, em sua maioria **afro-descendentes**.

O outro pai entrevistado e que ilustra a capa é o rapper Thaíde, que também fala sobre sua experiência de ser pai e em como o fato mudou sua vida. As fotos mostram Thaíde sentado em um sofá com sua filhinha Thamires, 4 anos, no colo. Ele conta que nunca teve referência paterna, já que conheceu o pai quando já era adulto, mas que isso nunca o impediu de ser um bom pai. Ao contrário, esse fato foi um fator de **valorização**. Isso fez com que ele tentasse ser o melhor pai para sua filha e revela que todo o seu trabalho e o que ganha por ele, é para ela. Outro pai entrevistado é o jogador de vôlei Kid. Ele conta que seu pai teve dificuldades em aceitar sua escolha profissional, mas que, hoje em dia, é seu fã incondicional. Kid fala da sua relação com o filhinho de 5 anos, Gustavo. Ele conta que, tanto ele quanto a esposa, são jogadores de vôlei, mas que isso nunca os afastou, ao contrário, são mais unidos do que nunca. Kid também destaca toda sua trajetória no vôlei e que todo seu esforço valeu a pena, pois chegou a receber uma proposta para trabalhar no exterior, mas achou que não seria bom para si e nem para família, então resolveu ficar.

Em todas as entrevistas, fica claro a intenção de mostrar o quanto o negro precisa **lutar** para alcançar seus objetivos. Deixa implícita a afirmativa de que o negro não é omissos e muito menos alienado, pelo contrário, sabe muito bem o que quer e se tem oportunidades, corre atrás. Outro ponto que ficou subentendido foi à finalidade de expor o negro atuando em diferentes atividades, desde engenheiros até jogadores esportivos. A **classe média negra** é mostrada de forma a observar que nem todos os **negros** bem sucedidos são apenas esportistas ou cantores, a variedade de profissões existe, mas em outras publicações infelizmente pouco, ou algumas vezes nada, é mostrado.

Os bancos e a discriminação racial

A reportagem é ilustrada por um banco com funcionários e clientes. Tem também uma foto da diretora dos sindicatos dos bancários de São Paulo, Neide Fonseca que, é negra. A matéria começa com uma afirmação dura, mas que

pode ser considerada relevante. Apesar de muitos negarem, a quantidade de negros no quadro funcional dos bancos é ínfimo, dando margem para suspeita de discriminação racial. Para legitimar suas afirmações, a revista coloca um gráfico, de fácil compreensão, onde é especificado a quantidade de funcionários negros nos bancos: em 1998, 87% dos funcionários eram brancos e apenas 9% de afro-descendentes (definidos na tabela por mulatos e negros). O tratamento dado aos negros clientes de banco também é outro fato retratado pela reportagem. Fala sobre os incidentes com as portas giratórias que tem levado cidadãos não brancos a prestarem queixas à polícia. Neide Fonseca, citada anteriormente, fala a respeito do processo de seleção dos bancos e afirma ser o mesmo extremamente racista. Até em bancos públicos os negros são colocados para trabalhar somente na retaguarda. Isso não está de acordo com os princípios da cidadania defendidos por Jaime Pinsky (2003) onde todos têm de ser respeitados como cidadãos, independentemente de cor ou qualquer outra condição. No entanto, ela ressalta um avanço na publicidade dos bancos, que notaram a classe média negra. Então começaram a colocar modelos negros em seus anúncios. Fica evidenciado a intenção da revista em mostrar o **negro** como atrativo comercial, porque o **negro** vende e faz parte da sociedade de consumo como um cidadão comum.

Os bancos, segundo a reportagem, negam qualquer tipo de preconceito. Aldous Galleti, diretor de relações institucionais de um banco, revela que não ter marketing especial para os clientes negros, porque tratam toda a clientela da mesma forma. Em outra denúncia, o banco Bilbao Viscaya foi acusado de ser racista e sexista, porque, quando foi vendido, demitiu vários funcionários, em sua maioria **negros** e mulheres. A entrevistada Geny Pereira conta que foi demitida do banco Meridional mesmo tendo ótimo desempenho e que seu chefe deixou claro que a decisão não era de cunho profissional. Este banco também negou, dizendo que a dispensa foi motivada por falta de produtividade. Há uma frase importante na reportagem, onde fica explícita a intenção de resgate da cidadania:

- a) *Os negros não estão interessados no orgulho que possam provocar nas empresas e sim em respeito e igualdade de oportunidades.*

Outra entrevista é feita com um pagodeiro da época que havia sido caixa de banco é que viu a discriminação étnica de perto. Dessa vez, não foi por parte do banco, mas de um cliente. Ele conta que um cliente queria fazer uma operação ilícita e, como ele se negou, foi ofendido por ser negro. O cliente e ele quase se agrediram fisicamente, mas foram contidos. O cliente foi atendido por outro caixa e na saída o ofendeu verbalmente com referência a sua cor. A quase briga corporal, que ocorreu entre o cliente e o bancário serviu para mostrar o negro como não apático e que não admite desrespeito e que tem orgulho de sua descendência. Mas, mostrou também um lado negativo de que a não aceitação da diversidade étnica traz problemas graves para ambos os lados, negros ou não.

6.2.4 Edição novembro de 2004, número 80

A edição de novembro de 2004 tem 98 páginas, com uma clara diminuição no número de páginas, em relação às revistas anteriormente analisadas. As seções principais são: Na Capa, Beleza e Moda, Atualidade, Comportamento e Saúde. Há muitos anúncios publicitários, inclusive de um novo produto: curativos feitos no tom da pele negra e morena, com o propósito de não deixar marcas. No entanto, há uma mudança perceptível nos anúncios publicitários: não há só modelos negros, mas de outras etnias, como brancos, índios e orientais.

Por esse motivo, também enxerga-se algumas mudanças editoriais na revista como condução de matérias e editoriais. Outra matéria importante é sobre a classe média brasileira negra que, além de ser grande, é super ativa. A entrevista com astro internacional fica por conta de Denzel Washington, que é considerado um dos melhores atores afro-americanos além de ser um grande detentor de prêmios do cinema internacional. Também há modelos de penteados afros para todos os comprimentos de cabelos.



Figura 3

Entrevistado 4: Perfil - Isabel Fillardis

A foto, que ilustra a primeira parte da matéria, é grande (ocupa uma página inteira) e tem uma frase contundente sobre luta e superação.

- a) *Eu não desisto de nada que quero. Se minha alma deseja fortemente algo, **busco** uma maneira ainda que silenciosa de **trabalhar** para **conseguir** os meus objetivos.*

Há várias fotos de Isabel sorridente e, na foto da página seguinte, ela está na capa de outra edição da Raça. A matéria começa relatando que Isabel Fillardis foi a primeira capa da revista Raça, em 1996, quando era uma estrela em ascensão. Na ocasião, isso ajudou a alavancar as vendas da primeira revista destinada aos **negros brasileiros**, que foram em torno de 280 mil exemplares. Foi na época em que Isabel Fillardis havia conseguido um papel de destaque em uma novela da Rede Globo e era reconhecida nas ruas. A reportagem informa que Isabel começou sua carreira como modelo e precisou **construir** cada degrau para provar que era além de um rosto bonito. Aqui

podemos perceber a intenção em colocar o negro como referencial de beleza, luta, sucesso e talento.

*b) Igual a muitas celebridades, Isabel iniciou como modelo e acabou provando que tinha mais predicados do que um **mero rosto bonito**.*

Assim como na vida profissional, a vida pessoal de Isabel também é pontuada por bons momentos de felicidade. Ela é casada e tem dois filhos. O tema racial é abordado também colocando em evidência um assunto que estava em pauta e sendo polemizado na época: as cotas raciais para negros. Mostrando ser uma pessoa bastante integrada com as principais discussões do Brasil, Isabel fala abertamente que, nas universidades, o critério de autodeclaração poderia ser um problema. E, mesmo em pleno século XXI, ela acredita que o negro continua sendo vetado das principais conquistas sociais brasileiras. Mas, é otimista, porque acha que o ator negro tem conseguido seu **espaço** nos meios audiovisuais e que tem opinião formada. A busca pela representação é evidente, colocando a frase abaixo como um dos ícones das idéias defendidas pela entrevistada.

*c) O **negro** quer se ver retratado no teatro, no cinema, na tevê, nos comerciais. É uma questão de **auto-estima**!*

A entrevistada ratifica seu dever como cidadã afirmando que as pessoas precisam também parar um pouco de lamentar e correr atrás do tempo perdido. Ela, por exemplo, junto com o marido, tem uma *ONG, Doe seu Lixo* que é basicamente destinada a gerar renda para moradores de rua. Essa inclusão social faz parte do programa que resgata a **cidadania** e fornece **dignidade** a quem acolhe. A entrevista termina com uma visão otimista por parte de Isabel, mesmo sabendo do tortuoso caminho que vem pela frente:

*d) Descobri que é possível **resgatar** pessoas, ao mesmo tempo em que cuidamos e mantemos a qualidade de vida de todos.*

Consciência Negra começa cedo

O subtítulo da matéria contém um discurso incisivo e claramente voltado para identificação e afirmação da identidade negra. E afirma que para começar a descobrir a si mesmo não existe idade.

- a) *Não há uma idade certa para tratar deste assunto na infância. Por sinal, mesmo antes do nascimento, deve-se pensar positivamente na **identidade** e na **auto-estima** da criança **negra** ou mestiça.*

A ilustração da primeira página mostra um pai com o filho sentado em seu colo lendo um livro emblemático sobre a construção e valorização da identidade do afro-descendente: *Lili a rainha das escolhas* que foi escrito pela multimídia Elisa Lucinda¹⁷ desvenda algo que não é muito comum, na maioria dos livros, didáticos ou não: a história de uma menininha negra. A foto reflete o posicionamento da Revista em caracterizar a identidade enquanto criança. A matéria começa com uma história interessante de um menino de cinco anos, filho de pai negro e mãe branca que já sentia na pele o tormento que iria sofrer por ter nascido como o pai. Enquanto tomava banho esfregava-se loucamente dizendo para a avó que não queria ter a cor do papai. A avó branca ponderava dizendo ser ele “o bombom da vovó”. Esse relato pode parecer apenas uma história inventada, mas ilustra bem uma situação verídica, no cotidiano de quem é negro e passou a vida escutando que ser negro é ser inferior, menos capaz. A Revista enfatiza que nunca é cedo para falar para a criança afro-descendente sobre sua **negritude, identidade** e também para promover a elevação da **auto-estima**. Neste parágrafo, fica explícito o quanto a revista faz questão de valorizar a afirmação da identidade negra e legitima sua afirmação, quando diz ser necessário falar sobre o assunto, independentemente da idade. Um ponto interessante a ser destacado são as publicações feitas por grupos que visam a responder questões diversas sobre o assunto. Em uma delas o

¹⁷ Elisa Lucinda (Vitória, 2 de fevereiro de 1958) é uma poeta, escritora, jornalista e atriz brasileira.

livro “*Gostando Mais de Nós Mesmos*”, a idéia de difundir a questão racial relatada é crucial, porque tem o intuito de alertar os pais e educadores para a falta de auto-estima da criança e do adolescente afro-descendente. A Revista reforça a idéia de que é preciso **se aceitar** e que isso deve ser aprendido desde cedo. Este livro aponta os motivos dados como decisivos para esses sentimentos negativos: *o passado de escravidão e a intensidade do massacre emocional e mental* que até hoje é manifestado no negro e contra ele. A entrevista feita com o escritor afro-americano James Baldwin reafirma essa assertiva. O mesmo criou uma citação que se tornou célebre: “*nem tudo o que se enfrenta pode ser modificado, se não for enfrentado*”. Percebe-se que esta frase serve para indicar que é necessário enfrentar o complexo de inferioridade desde as idades primárias. Sem essa assistência, a criança pode se tornar um adulto sem referência e fraco. Essa frase comprova a idéia de que identidade e cidadania são dois elementos que se completam:

*b) caso contrário, a criança se tornará um adulto inseguro e infeliz, com dificuldades para participar da **vida social** e de realizar-se como **cidadão**.*

São relatados diversos casos de preconceitos sofridos na infância e como cada pessoa lida com a situação. Uma das entrevistadas a diretora escolar Suely Tibúrcio conta o quanto sofreu para integrar sua família multicultural. Ela, branca, e o marido, negro, tiveram duas filhas mestiças (com a pele mais escura) que sofreram por não ter uma referência e não entender nada sobre diversidade. Mas, no âmbito familiar houve muita conversa e conscientização. O conteúdo dessa entrevista questiona a respeito da diversidade étnica e avança para uma outra questão o multiculturalismo.

6.2.5 Edição janeiro de 2005, número 82

Essa edição da revista tem 98 páginas. A capa é basicamente composta por três cores: verde, dourado e vermelho. Contém o nome da Raça, em caixa alta, onde agora há um subtítulo 100% com você. A foto de capa é grande e a

chamada de matéria principal é sobre a mais bela negra do Brasil. Nessa perspectiva notamos que as palavras **negra** e **bela** são ressaltadas por uma fonte mais elaborada do que das outras chamadas na capa. A revista é dividida pelas seções Na Capa, Beleza e Moda, Gente, Atualidades, Comportamento e Saúde. As matérias mais polêmicas são um especial sobre as comunidades quilombolas e sobre a identidade do samba de raiz. Os anúncios publicitários são coloridos e os modelos que posam são pertencentes as mais diversas etnias. Em determinados anúncios, a tática de aproximar-se de leitores de outras etnias é determinante. Mas a maioria dos anúncios ainda é composto por afro-descendentes. Podemos identificar uma certa mudança na proposta editorial inicial da revista em retratar apenas o afro-descendente. Há uma certa abertura, onde agora o conceito multicultural parece se encaixar.



Figura 4

Entrevistado 5: Fernanda Borges – A mais bela negra do Brasil

Dentre todas as mais bela, assim começa a entrevista informal com a eleita a negra mais bela do Brasil. Foram 17.000 candidatas concorrendo e Fernanda sagrou-se vencedora. O concurso foi promovido pela própria Revista e pelo canal de televisão Record. A entrevistada começa falando se

sua responsabilidade em ser eleita a negra mais bela do país e que nunca havia pensado em ser modelo antes. Mas que sempre foi ligada em moda e pensava em trabalhar nos bastidores como estilista. Ao ganhar o concurso, Fernanda assinou um contrato com a agência de Modelos Mega, que é considerada uma das melhores do Brasil. O que se observa, na idéia acima, é que o destaque dado à **beleza negra** é o conteúdo principal da matéria. A moça de apenas 19 anos, que já estava se preparando para fazer vestibular para a Faculdade de Moda conta que a sua participação no concurso aconteceu por acaso, mas que teve grande incentivo de seus familiares. Foi uma das 500 finalistas e saiu de Goiânia rumo à São Paulo para concorrer. As outras 499 participantes que estavam concorrendo com ela eram tão bonitas que quase a fizeram recuar. A estratégia utilizada neste momento, para valorizar o espírito competitivo e mostrar o negro como alguém capaz e, especialmente, bonito, é efetiva.

- a) *Quando cheguei na Rede Record e vi 499 negras lindas, quase desmontei.*
- b) ***Vibre!** Entre as 500, tinham apenas dez de Goiás e eu fui a **única** selecionada.*

Novamente, o quesito beleza vem destacado e o fato de ela ser negra também. A mais **bela negra** do Brasil se diz vaidosa sem ser narcisista. A valorização da etnia negra é enfatizada por um argumento que comprova de modo objetivo de que é preciso falar de sua origem. A auto-estima é colocada em foco também quando fala de orgulho e simpatia. A frase abaixo como poderemos observar é pautada por um discurso ideológico.

- c) ***Ganhei** o concurso e tenho a responsabilidade de **representar** a minha **raça** com simpatia e muito **orgulho**.*

Complementando as informações, é citado que com o concurso, Fernanda ganhou notoriedade e os planos para o futuro são traçados. Novamente, há uma referência à identidade negra e a respeito da cidadania. O caráter beleza é novamente ressaltado e ajuda na construção da identidade do

afro-descendente. A frase da entrevistada Fernanda Borges é emblemática porque, como em outras entrevistas, aproxima as duas categorias apresentadas no presente trabalho.

*d) Fazer jus ao título que ganhei, sempre **respeitando** e engrandecendo a beleza da **mulher negra**.*

Finalizando a matéria, a intenção da Revista se mostra evidente. Apesar de tentar mostrar um conteúdo fortemente informativo, há uma tendência em dar características ao Evento e não, apenas, informar. Isso ocorre quando é dito que “a comunidade **negra** do Brasil ganhou e muito com esta visibilidade.” (grifo nosso). As fotos que ilustram a matéria mostram um Concurso pomposo composto por jurados de outras etnias como a modelo Ana Hickman. Além da vencedora, as fotos mostram vários modelos com penteados afro. Como não poderia deixar de ser, as músicas tocadas durante os desfiles foram majoritariamente negras. Identificamos aqui a negritude, emergindo e mostrando questões que dizem respeito à beleza e à cidadania.

Folia de Reis – uma celebração que resiste ao tempo

A seção Comportamento traz uma matéria sobre a tradição de Folia de Reis. Nas ilustrações, pessoas vestidas a caráter (roupas coloridas) cantando e tocando instrumentos. Nota-se que a boa parte das pessoas retratadas são negras. Nesse aspecto, percebe-se a intenção de mostrar que a Folia de Reis é uma tradição seguida por uma grande quantidade de afro-descendentes. Um histórico da festividade é dado. Comemorado no mês de dezembro, se estendendo até início de janeiro representa mais resumidamente a fuga de José e Maria após o nascimento de Jesus Cristo. Conta a lenda que um palhaço distraiu o rei Herodes para que conseguissem escapar. Um dos entrevistados, seu Pedro, conta como se tornou marungo há 35 anos. O costume é geralmente passado de uma geração a outra como forma de preservar o passado. A tradição como, foi dito por Hall (2006) no capítulo

teórico, é uma forma de preservar suas práticas culturais não perdendo assim seus pertencimentos identitários. Verifica-se aqui que a questão da cidadania é mais reforçada, mas a preservação de identidade negra está implícita porque em todas as ilustrações presentes os personagens são afro-descendentes.

6.2.6 Edição junho de 2006, número 99

A capa é cor rosa e o nome Raça vem escrito na mesma cor. O subtítulo 100% com você já não está mais lá. Na entrevista principal, está destacada a palavra **bela** como na edição de 2005. A revista ampliou suas seções que são agora: Páginas Pretas, Reportagem de Capa, Beleza, Moda, Negócios, Atualidade, Educação, Comportamento, Perfil, Saúde, Investimento, Consumo. Há matérias polêmicas, como sobre uma desembargadora negra e sobre a diferenças de idade em relacionamentos. Propagandas mais institucionais foram incluídas, como a do uso do preservativo que, além de falar do combate à AIDS também frisa o combate ao racismo. A modelo que fotografa para a propaganda é negra. A maioria dos anúncios publicitários ainda é feito por modelos negros. A Fructis Garnier para anunciar seu xampu de tratamento com produtos químicos utiliza modelos afro-descendentes. Mas também há propagandas com modelos não negros. Há adesão ao multiculturalismo sem abandonar a proposta inicial. O editorial feito sobre cabelo é bem emblemático porque todos os cabelos são afros e a palavra **Cor** está destacada, fazendo referência à cor e etnia.



Figura 5

Entrevistado 6: Halle Berry – Hallewood

A entrevista é mais formal com perguntas e respostas. Hallewood, assim começa a entrevista, mesclando o nome da atriz com a famosa indústria do cinema. Halle Berry é uma das mais bem pagas atrizes de Hollywood. Mas nem sempre foi assim, antes dela surgiram outras atrizes negras brilhantes, mas a cor foi empecilho para que pudessem realmente ter seu talento reconhecido. Um exemplo em 1982, a atriz Sheryl Lee Ralph, que havia interpretado Diana Ross em um filme e ganhado até um Tony¹⁸, foi impedida de atuar em Hollywood por ser negra. Ela conta que um produtor olhou para ela e disse: *Você é muito linda e talentosa, mas o que vou fazer com uma **bonita garota negra** em um filme?* Essa frase é informativa, mas possui um conteúdo dramático, porque revela que na década de 80, não importava o quanto talentoso fosse um ator, se fosse negro as portas eram categoricamente fechadas.

A revista faz uma observação interessante sobre o preconceito de cor na indústria de cinema norte-americano. A idéia disseminada de que os negros estão tendo as portas abertas amplamente em Hollywood ainda é um tanto

¹⁸ Oscar do teatro britânico

falsa. A exclusão de minorias é algo existente. A atriz Halle Berry tem consciência de tudo isso, sabe o quanto é difícil se manter em Hollywood, e sendo negra, a tarefa é mais árdua. Halle já foi eleita várias vezes como uma das mais belas do mundo, mas sempre preferiu papéis que a desafiassem, como uma drogada em um filme de Spike Lee. Os principais aspectos enfocados neste parágrafo são sobre identidade negra, luta e beleza. A atriz negra precisou galgar posições e fazer coisas diferentes para ser reconhecida como atriz. O negro aqui é mostrado como lutador. Halle ganhou em 2002 o Oscar¹⁹ e finalmente entrou para o hall das estrelas de Hollywood. A entrevista foi, principalmente, feita para divulgar o filme X-MEN, no qual ela faz um dos papéis principais. Quando perguntada sobre como é a Tempestade, seu personagem, Halle é enfática: é uma mulher **forte**, de **fibra** e **ética**. Uma *guerreira*, na verdadeira acepção da palavra, porque *luta* por aquilo que acredita. (grifo nosso). As palavras destacadas desmostram o conteúdo de exaltação da entrevista. Quando Halle descreve as qualidades de seu personagem ela legitima que o negro deixou de ser apenas subordinado para se tornar também o ator principal. O negro agora é visto como héroi e batalhador, não somente como o vilão da história.

Na entrevista, Halle fala sobre sua vida pessoal e sobre a batalha para se firmar como uma atriz sem que a beleza fosse o facilitador. Outro ponto importante da entrevista é quando ela fala sobre o filme X-MEN e como será fácil que as pessoas se identifiquem com o personagem, independentemente de sua cor de pele. Novamente, o multiculturalismo aparece, tentando integrar todas as etnias. Há várias ilustrações da atriz em filmes, como 007 e a Última Ceia, que lhe rendeu um Oscar. A atriz fala sobre identificação e diz ter consciência de que é uma mulher negra e que o racismo ainda existe. Mas, ela acredita que a consciência está mudando e tem esperança que um dia cor e raça não farão diferença alguma. Ela se sente otimista em relação a isso e acha que a cultura popular negra vem se expandindo.

a) *Quando vejo crianças pequenas andando na rua ouvindo **música negra**, digo para mim mesma “uau, algo está mudando.” Quando vejo Tiger*

¹⁹ Prêmio da Academia de Ciências e Artes Cinematográficas de Los Angeles. É o mais famoso e cobiçado troféu do cinema mundial.

Woods jogando golfe, dominando um esporte que é basicamente masculino e branco, eu digo “uau”.

Aqui notamos que a finalidade é mostrar que o negro agora é visto em locais que eram restritos aos brancos. Agora a música negra pode ser ouvida em qualquer parte da cidade não apenas nos guetos, mostrando que os afro-descendentes estão sendo inseridos na sociedade. Na sua carreira de atriz diz que precisou lutar muito para ser se tornar célebre, mas que isso tudo não mudou seu jeito de ser. De um modo geral, os argumentos pró identidade negra e do negro como cidadão prevalecem.

A idade faz diferença?

A primeira fotografia da matéria mostra um casal de idades diferentes, ambos negros. Mas a etnia não é ponto central da matéria, mas sim relacionamentos amorosos entre casais com grande diferença de idade. O psicanalista entrevistado pela reportagem defende o argumento de que a relação entre pessoas de gerações diferentes pode dar certo. O exemplo dado é o primeiro casal da fotografia onde a diferença entre ele e ela é de 28 anos. Mas isso não foi obstáculo para que o relacionamento de ambos fosse a frente. O advogado Miro e a atleta Sandra são casados há 5 anos e têm um filho de 3 anos. Na frase, a seguir, a questão racial não é mencionada explicitamente, mas o mote em relação a luta e reconhecimento é notado.

*a) As pessoas vencem **limites** e **dificuldades** para ir atrás do que realmente querem.*

Outra especialista, a psicóloga Olga Tessari também pondera que um relacionamento não deve ser pautado na idade biológica do casal, mas sim na vontade de partilhar uma vida a dois. Na página seguinte há uma ilustração diferente, desta vez de outra entrevistada, a enfermeira negra paulista Fabiana de Souza. Ela conta a experiência de um relacionamento com um rapaz cinco

anos mais jovem. A relação, que era baseada somente na atração física, não foi para frente, mas isso não a fez desacreditar neste tipo de relação. Ela se envolveu com outro homem, dessa vez 12 anos mais velho e a relação também teve seus altos e baixos. Seu namorado era exigente, seguro e sofisticado. Essa parte da matéria destaca os pró e os contra de uma relação onde a diferença de idade é o principal. E mostra que os negros estão ocupando lugar de destaque na sociedade, sendo enfermeiros, advogados, etc. São cidadãos comuns com problemas como qualquer outra pessoa. O último entrevistado, o assistente Willian de Moura, 32 anos, namorou uma mulher de 44 anos.

b) *Ela era uma mulher **negra super elegante e moderna**.*

Ele conta que o namoro durou 1 ano e completa que a mulher era insegura e isso foi um empecilho para a relação dar certo. A mulher que era negra, mas que tinha dois filhos mestiços, teve também de lidar com o preconceito duplo, de idade e de cor. Os filhos não aceitavam o fato de ela ter um relacionamento com um homem mais jovem e negro. Pensavam ser um retrocesso, já que fora casada com um homem branco. A família dele também não aceitava bem o relacionamento. Aqui o posicionamento em relação a etnia é pela primeira vez colocado em foco. Nota-se que desta vez havia preconceito de ambos os lados. No entanto, a Revista tenta encontrar algo positivo quando utiliza adjetivos como moderno e elegante. Porém, essa afirmação pode ser interpretada de duas maneiras: apesar de moderna e elegante, a mulher deixava-se influenciar pela opinião opositora dos filhos. Assim como William, que considerou a opinião dos familiares que não aceitavam o relacionamento. Aqui já é notável que a Revista se propõe a diversificar seu público alvo mantendo sua principal característica: o negro como protagonista.

6.3 Estratégias Comunicacionais

Neste tópico, avaliaremos de maneira sucinta e complementar outras estratégias comunicacionais utilizadas na revista para a construção da identidade étnica negra, como um pertencimento identitário e, conseqüentemente, para promoção da cidadania. Como foi dito inicialmente essas duas categorias devem ser entendidas como complementares. No ítem Análise de Conteúdo, para a construção da identidade do negro, a revista utilizou fotos, cores, chamadas na capa, anúncios com modelos negros, entre outros. A seguir, vamos mostrar as estratégias comunicacionais empregadas com mais frequência e que se referem a expressões que dentro do contexto mostram como a identidade é construída.

Combater o complexo de inferioridade

Combater o **racismo**

Conscientizar a comunidade negra

Construir a auto-estima da criança **afro-descendente**

Construir a **democracia**

Construir a identidade das crianças **negras**

Elevar a auto-estima da criança negra

Influência e participação do negro em inúmeros aspectos da nossa história

Integrar a família

Ocultar a presença do **negro**

Orgulhar-se da origem

Pluralidade cultural

Políticas de **igualdade racial**

Presença do negro na nossa **sociedade**

Promover a elevação da **auto-estima**

Realizar o negro como **cidadão**

Transmitir valores positivos da cultura africana no Brasil

Valorizar a contribuição das várias culturas

A revista traz mensagens que, estudadas a fundo, contribuem para que alcance um de seus principais objetivos, a reivindicação do reconhecimento da história do negro. Palavras como “*combate*” e “*conscientização*” estimulam o negro assumir sua condição e lutar para que seus direitos sejam validados. É uma estratégia de identificação evidente, porque podemos salientar que mensagens como “*construção da identidade das crianças negras*” e “*transmitir valores positivos da cultura africana*” funcionam para mostrar também o negro como sujeito principal e valorizar seu papel na construção de uma sociedade igualitária. A seguir, dois quadros que apontam elementos utilizados largamente como estratégias comunicacionais. Eles evidenciam uma análise quantitativa da questão.

Quadro 3: Palavras²⁰ que contribuem para construção da identidade negra

Palavras	Frequência Aproximada
Negro (a)	52
Afro-descendente/	50
Raça/Racial	38
Preconceito/Racismo/Discriminação	30
Negritude	26
África	26
Etnias	24
Diversidade	33
Abolição	10

Quadro 4: Palavras²¹ que contribuem para Construção e Promoção da Cidadania

Palavras	Frequência Aproximada
Resistência	38
Enfrentar	30
Militância	30
Igualdade	35
Inclusão	25
Resgatar	20
Luta	18
Democracia	15
Cidadão	15
Participação	11
Sociedade	12

²⁰ É um número aproximado do total de todas as revistas analisadas.

²¹ É um número aproximado do total de todas as revistas analisadas.

6.4 Observações Gerais: Fases Distintas

1º fase – Visibilidade Política – 1997 a 1999

Na primeira fase da Revista, tomando como base as publicações de 1997, 1998, 1999, notamos haver uma preocupação vigorosa com a auto-estima e visibilidade do negro brasileiro. Havia uma concentrada necessidade de construir uma identidade negra diversificada, mostrando o negro nas várias frentes de trabalho, inserido nas mais variadas esferas da sociedade. Esse negro que se sentia ferido e buscava incessante por referência. Antes da Revista, o negro ainda não era muito retratado na mídia e, quando tal acontecia, era exposto de maneira equivocada. Resumindo, continuava a ser mal visto por boa parte da sociedade brasileira. Mesmo com os avanços sociais, tecnológicos e econômicos o poder de compra e venda do negro ainda era subestimado. A cultura negra era vista como algo folclórico e alegórico. A religião praticada pelos afro-descendentes era considerada como funesta e amaldiçoada. O teólogo Leonardo Boff (2000) explica que até os dias de hoje as religiões afro-brasileiras são tratadas como magia e possessão. Por isso, a Revista Raça também contribui para a remoção de alguns estigmas dessas religiões, quando retratou o lado de resistência e libertação das mesmas.

O discurso político mostrava-se impetuoso e tentava integrar o negro na sociedade e não deixá-lo submisso ao homem branco. Por causa de seu discurso incisivo foi muitas vezes acusada de ser segregacionista, como se estivesse incitando a separação de negros e brancos. Mas, obviamente, esse não era o discurso da maioria e nem a finalidade do periódico. Na verdade a Raça foi considerada um marco na história dos meios de comunicação de massa brasileiro, onde não havia espaço para o afro-descendente. Matérias sobre racismo eram recorrentes. Denúncias a respeito de preconceito racial sofrido por leitores ocupava boa parte da Revista. O espaço da Revista era dedicado quase que exclusivamente ao afro-descendente, tanto na publicidade quanto nos editoriais de moda.

2ª fase – Discurso Moderado e o Multiculturalismo – 2004 a 2006

O grande paradoxo é que a Revista que, inicialmente, se propunha a retratar o afro-descendente tornou seu discurso mais moderado e passou ter uma visão mais multicultural. A Revista que antes tinha um tom mais militante agora se tornou menos agressiva. A partir de 2004, 2005 e 2006 essa mudança fica mais evidente. No entanto, o seu objetivo principal foi mantido, possibilitar ao afro-descendente ter notoriedade nos meios de comunicação de massa. Essa modificação feita na linha editorial da Revista pode ser avaliada como uma possível adesão à crescente globalização. Expandir os horizontes retratando também outras etnias foi um tanto intrigante. Alguns leitores opinaram, revelando que a Revista estava perdendo o foco e desvirtuando-se de seu objetivo principal. Contudo, é preciso ressaltar que a função da Revista permaneceu imutável, mas agora também tem outros interesses. Além disso, o periódico começou a abordar outras questões, como algumas relativas ao poder de compra do negro. Segundo a própria editora da revista Liliâne Santos, a classe média negra, que cresceu consideravelmente nos últimos anos, também tinha outros interesses. Matérias sobre moda e beleza passaram a ser pauta constante na Revista.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar de que maneira a revista *Raça* contribuiu para a construção da identidade negra e para a promoção da cidadania, diminuindo uma espécie de *apartheid* nos meios de comunicação de massa. A partir das edições analisadas, foi possível perceber uma mudança na linha editorial nesses 11 anos que a Revista existe. Trabalhando com duas categorias distintas, mas ao mesmo tempo não excludentes foi possível notar modificações em várias escalas. No primeiro capítulo, os conceitos de identidade e cidadania foram explorados, a fim de se entender como eles estão interligados. Tanto a cidadania quanto a identidade são conceitos/ elementos em constante construção e transformação.

No segundo capítulo, mostramos como as identidades nacionais unificadas estão em crise e como ocorre o avanço do multiculturalismo. Analisamos como a política de branqueamento aplicada sistematicamente no Brasil foi ruim para a auto-estima do afro-descendente. Foi possível perceber que a homogeneização étnica foi considerada no Brasil, mas, que, felizmente fracassou. Ainda sobre essas duas categorias, a crítica multiculturalista colabora com junção identidade e cidadania sendo esses dois elementos importantes para a representação das minorias excluídas.

No terceiro capítulo, foi discutida a idéia errônea de que a chamada África subsariana não possuía cultura alguma e que seu povo era homogêneo. Não se tinha idéia que, mesmo antes de virar colônia aquele continente era um produtor de uma cultura extremamente diversa. Esse tópico serviu para fazer uma breve recuperação da história dos afro-descendentes. Outro ponto ressaltado no mesmo capítulo se refere ao mito da inferioridade racial. Todas as concepções de que o negro possuíam cérebros menores, se tornando, portanto, inferior intelectualmente, foram refutadas. Estudos científicos comprovaram que não há diferença entre etnias, mas, sim, entre indivíduos independentemente da cor de sua pele.

A imprensa negra foi lembrada como um marco, na luta pela afirmação dos direitos do negro como cidadão e desde sempre para a construção de sua identidade. Na chamada imprensa negra, havia muito mais do que informações simples; havia manifestações de cidadania e de desejo de ascensão social. Foi

possível identificar que a preocupação dos jornais negros era fazer o afro-descendente lutar por seus ideais e sair da vida ociosa e boêmia. Aqui, a informação jornalística foi pensada, na perspectiva da construção da identidade negra e na promoção da cidadania. No capítulo posterior, a metodologia utilizada foi descrita e funcionou de maneira eficaz na análise dos títulos. Por causa dela, foi possível atrelar todos os conceitos utilizados com a teoria empregada.

Quando começamos a análise, propriamente dita, foi possível notar que as perspectivas mostradas nas revistas, em torno de diminuir o preconceito racial têm sido eficazes, porém de maneira lenta. O racismo ainda existe, em menor escala, mas continua a assolar a sociedade multirracial brasileira. Apesar desta Revista tentar promover uma mudança na concepção do afro-brasileiro, este ainda se vê excluído de boa parte dos grupos sociais e também da mídia. Tudo é pautado na pretensa cordialidade brasileira onde diferenças não são vistas. Mas, foi possível notar pelos depoimentos contidos na Revista que o racismo está ainda introjetado em nossa sociedade, culturalmente. Aqui, o fenótipo negro ainda é considerado por muitos sinônimo de inferioridade. Mesmo sendo provado que a única raça existente é a humana, as diferenciações étnicas são muito valorizadas. No mundo, manifestações racistas também têm grandes proporções.

A partir da análise de 06 (seis) edições de Raça Brasil foi notado que a Revista não tem intenção nenhuma de ser apenas informativa. Seu conteúdo opinativo é vasto, mesclando matérias informativas com outras opinativas. As narrativas contidas nas reportagens refletem que o negro quer ser visto como sujeito histórico e cidadão com igualdade de direitos e que não quer se encherar representado com os estereótipos de bandido, por exemplo. Negros advogados, médicos ou jornalistas existem e estão retratados na revista. Os argumentos a favor da valorização da herança cultural étnica se mostram frequentes. Ao avaliar o conteúdo das revistas mais recentes notamos que a uma mudança editorial foi feita para que a Revista se adequasse um pouco aos padrões do mundo atual. A globalização forçou uma apaziguada no conteúdo polêmico. O mercado também contribuiu consideravelmente para essa mutação. Ainda assim os aspectos relevantes em defesa da inclusão do negro nos meios de comunicação são enfocados. Infelizmente a mídia ainda colabora

para promoção de um modelo equivocado do que seria ideal, mas que, na verdade, não está adequado com o quadro multiétnico brasileiro.

Nesta monografia, conseguimos compreender as idiossincrasias do racismo e como funciona a sustentabilidade deste, no cenário multiétnico brasileiro. Não há como negar, a miscigenação nos tornou irmãos numa mesma e diversificada cultura. A realidade que deu vida aos modos sociais do Brasil, tem estreitas relações e afinidade com a mãe África. E a revista Raça, mesmo tendo mudado um pouco, continua mantendo sua essência principal. Se notarmos atentamente, seu conteúdo tem se assemelhado com o de revistas como Cláudia e Nova, mas com um diferencial: o negro tem presença garantida. Os assuntos polêmicos ainda aparecem. Na maioria destas revistas citadas anteriormente o negro raramente aparece. Talvez a reconfiguração da imprensa tenha feito um pouco com que a própria Revista assumisse atualmente características mercadológicas. É fácil perceber que atualmente, a Revista Raça Brasil também se adapta às exigências da indústria cultural e, algumas vezes, acaba se submetendo à reprodução da mesma. Mas, obviamente, isso não tem impedido e não deverá impedir que questões a respeito de resistência e do combate ao preconceito sejam relatadas. Elas deverão sempre ser mais aprofundadas, pois a discussão não deve ser superficializada. Compreendemos que é preciso haver um debate constante sobre a postura da imprensa em relação a representação do negro.

É imprescindível ressaltar que a linha de pesquisa adotada na monografia é uma entre várias outras que poderiam ser seguidas. Optamos por esse caminho pela relação íntima da autora, que é negra, com o tema. Os cidadãos negros precisam ter a consciência das limitações que são impostas a eles, dentro de nosso país. A sua história foi apagada pelos horrores da escravidão e a maioria não sabe de onde se originam os seus antepassados. Mas, acreditamos que, lutando constantemente, esse quadro de desamparo e exclusão poderá mudar. Pensamos que estamos no caminho certo, apesar dos percalços. Temos consciência de é preciso tentar mobilizar a todos os excluídos para que não desistam nunca, para que continuem a luta.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Miguel Vale de. 2000, **Um Mar da Cor da Terra: raça, cultura e política**. Disponível em <http://valedalmeida.blogspot.com/>. Acesso em: 10 mai. 2007.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à Metodologia do trabalho Científico**: elaboração de trabalhos na graduação. São Paulo: Editora Atlas S.A., 1999. 150 p.

APPIAH, Kwame Anthony. **In My Father's House**: Africa in the Philosophy of Culture. London: Methuen, 1992; New York: Oxford University Press, 1992. 230 p.

ARAÚJO, Joel Zito Almeida de. **A Negação do Brasil**: o negro na telenovela brasileira. São Paulo: Editora SENAC, 2000. 323 p.

ARAÚJO, Joel Zito. **Identidade Racial e Estereótipos sobre o Negro na TV brasileira**. In: GUIMARÃES, Antonio Sérgio A.; HUNTLEY, Lynn. (orgs.) **Tirando a Máscara**: Ensaio sobre o racismo no Brasil. São Paulo: Paz e Terra, 2000, pp. 77-96.

BHABA, Homi. (org). **Narrating the Nation**. London: Routledge, 1990.

BARDIN, Laurence, **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro: São Paulo: Editora Edições 70, 1977. 228 p. Título Original: L' Analyse de Contenu

Bibliografia de Darcy Ribeiro. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Darcy_Ribeiro. Acesso em 20 de abr. 2007.

BOFF, Leonardo, **A Voz do Arco-Íris**. Brasília: Letraviva, 2000. 210 p.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e Cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização: Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade: A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, Volume 3.** Rio de Janeiro: Editora: Paz e Terra, 1999. 497 p.

COMAS, Juan; LITTLE, Kenneth I.; SHAPIRO, Harry I.; LEIRIS, Michel; STRAUSS, Claude Lévi; **Raça e Ciência I.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1970 – 1972. 2v. 272 p.

DEMANT, Peter. Direito para os Excluídos. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). **História da Cidadania.** São Paulo: Editora Contexto, 2003. 588 p.

FERREIRA, Luiz Gonzaga Rebouças. **Redação Científica: como escrever artigos, monografias, dissertações e teses.** Fortaleza: Edições UFC, 1994. 82 p.

GENTILI, Victor. **Democracia de Massas: jornalismo e cidadania: estudo sobre as sociedades contemporâneas e o direito dos cidadãos à informação.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. 180 p.

GOMES, Flávio dos Santos. Sonhando com a Terra, Construindo a Cidadania. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). **História da Cidadania.** São Paulo: Editora Contexto, 2003. 588 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 102 p.

HERNANDEZ, Leila Leite. A Invenção da África. **História Viva.** Temas Brasileiros nº.3; Presença Negra. São Paulo: Duetto Editorial, 2006.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 2924 p.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do Negro Brasileiro.** São Paulo: Ática, 1988. 250p.

MULLER, Mary Stela; CORNELSEN, Julce Mary. **Normas e Padrões para Teses, Dissertações e Monografias.** Londrina: Editora UEL, 2001.126 p.

PINSKY, Jaime. Hebreus: Os Profetas Sociais e o Deus da Cidadania In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). **História da Cidadania**. São Paulo: Editora Contexto, 2003. 588 p.

PINTO, Carlos Ignácio; FIGUEIREDO, Danilo José; PASSETTI, Gabriel; LIMA, Marco Antunes de. **A Invenção da África**. Disponível em <http://www.klepsidra.net/klepsidra16/nacasa.htm>. Acesso em 12 mar. 2007.

Raça Brasil, São Paulo, Símbolo, v.2, número 11. julho de 1997.

_____, São Paulo, Símbolo, v.3, número 26. outubro de 1998.

_____, São Paulo, Símbolo, v.4, número 36. agosto de 1999.

_____, São Paulo, Símbolo, v.8, número 80. novembro de 2004.

_____, São Paulo, Símbolo, v.9, número 82. janeiro de 2005.

_____, São Paulo, Símbolo, v.10, número 99. junho de 2006.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 180 p.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Entre Prospero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e inter-identidade. In: RAMALHO, Maria Irene e RIBEIRO, António Sousa (orgs.). **Entre ser e estar: raízes, percursos e discursos da identidade**. Porto: Afrontamento, 2002. 242 p.

SCHNEIDER, Alberto. Mistificações da Ciência. História Viva. Temas Brasileiros nº.3; Presença Negra. São Paulo: Duetto Editorial, 2006.

SEMPRINI, Andréa. **Multiculturalismo**. Tradução Laureano Pelegrin. Bauru, SP: EDUSC, 1999. 78 p. Tradução de: Le multiculturalisme.

SILVA, Edna de Mello. **Retrato de Mulher**: A Mulher Negra nas Revistas para o Público Negro: Estudo de Caso. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/xxi-ci/gt15/GT1506.PDF>. Acesso em 05 mai. 2007.

SILVA, José Carlos Gomes da. Novas Identidades. **História Viva**. Temas Brasileiros nº.3; Presença Negra. São Paulo: Duetto Editorial, 2006.

SILVA, Luis Alberto da. **O negro na Mídia:** conquista ou concessão. In: SINDICATO DOS JORNALISTAS PROFISSIONAIS DO RIO GRANDE DO SUL. Núcleo de Comunicadores Afro-Brasileiros (Orgs.). **O Negro na Mídia: A Invisibilidade da Cor.** Porto Alegre. 2004.

SINGER, Paul. A cidadania para todos. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). **História da Cidadania.** São Paulo: Editora Contexto, 2003. 588 p.

VIEIRA, Liszt. **Os Argonautas da Cidadania:** a sociedade civil e a globalização. Rio de Janeiro: Record, 2001. 403 p.

VIGNOLI, Leange. **A Propaganda não Gosta de Negro.** Porto Alegre. 1990. 172 p. Monografia (graduação) – UFRGS, 1990.

Sites:

ENCICLOPÉDIA VIRTUAL. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/>. Acesso em 20 abr. 2007.